



Daniela Cristina Custoias Carreira

Museu do Vinho de São João da Pesqueira Construção de um museu para um território

Relatório de estágio do curso do 2º ciclo em História, especialização em museologia, orientado pelo Prof. Doutor João Paulo Avelãs Nunes e coorientado pelo Dr. José Victor Fernandes Sobral, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Dezembro 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Museu do Vinho de São João da
Pesqueira Construção de um Museu para
um território

Daniela Cristina Custoias Carreira

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Museu do Vinho de São João da Pesqueira – Construção de um museu para um território
Autor/a	Daniela Cristina Custoias Carreira
Orientador/a	João Paulo Avelãs Nunes
Coorientador/a	José Vitor Fernandes Sobral
Júri	Presidente: Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Vaquinhas
	Vogais:
	1. Doutor Álvaro Francisco Rodrigues Garrido
	2. Doutor João Paulo Avelãs Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Museologia
Data da defesa	26/01/2015
Classificação	15 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Resumo

A Região Demarcada do Douro representa um dos importantes e completos testemunhos da atividade vitivinícola, quer a nível nacional, quer a nível internacional. Esta foi a primeira região demarcada do mundo e classificada pela UNESCO como Património da Humanidade pelo seu caráter único de território, pela sua relação natural e cultural do vinho com outras culturas praticadas na região e pela autenticidade e integridade de uma paisagem cultural.

Para além da sua história e classificação, o Douro é detentor de um vasto património material e imaterial espalhado por toda a região demarcada, iniciada em Mesão Frio e com finalização em Barca D 'Alva.

O Museu do Douro, criado pela Lei 125/97, terá sido concebido como um museu de território, polivalente e polinuclear, vocacionado para reunir, conservar, identificar e divulgar o património museológico e documental disperso pela região, devendo constituir um instrumento ao serviço do desenvolvimento sociocultural da Região Demarcada do Douro. Impulsionado pela classificação atribuída pela UNESCO, este pretendeu criar vários núcleos museológicos pela região duriense focando várias temáticas, onde São João da Pesqueira teve a sua participação assumindo a construção de um Museu alusivo ao tema do Vinho.

Assim, o presente trabalho centrou-se na criação de um projeto museológico de raiz, no concelho de São João da Pesqueira. Este foi um projeto que contou com a participação de várias entidades ligadas ao Douro e ao vinho, bem como a colaboração da população Pesqueirense, uma vez que as pessoas se disponibilizaram a doar ou a emprestar bens materiais e imateriais, permitindo um maior envolvimento e aproximação da comunidade ao museu.

A partir das pesquisas efetuadas acerca da história da Região Demarcada do Douro e deste concelho, e da recolha dos materiais da população de São João da Pesqueira e do Museu do Douro, para a elaboração da exposição permanente do Museu do Vinho, será aqui descrito o seu discurso museológico, com os principais temas caracterizadores da identidade da região, assumindo-se como um Museu de território.

Para além da exposição permanente alusiva à temática do vinho, este Museu possuirá outros serviços (loja, *winebar*, sala de prova de vinhos e serviço educativo) à disposição da comunidade tornando-o num museu ativo. Para tal, será necessário um programa anual de atividades ligadas não só ao território de S. João da Pesqueira, mas também à abertura de horizontes e exploração das temáticas do vinho e de outras culturas ao nível nacional e internacional, deixando neste relatório algumas sugestões que poderão ser incluídas nesse plano de atividades e na sua gestão, com o objetivo de auxiliar o início deste novo desafio.

Para concluir, analisando toda a linha de montagem deste museu, é por mim constatado que, mesmo possuindo um riquíssimo historial a todos os níveis, ainda se encontra numa fase embrionária no mundo da museologia, esperando que após a sua inauguração consiga desenvolver atividades com a comunidade com o objetivo de atrair todos os públicos ao Museu do Vinho de São João da Pesqueira.

Palavras- chaves: Região Demarcada do Douro, S. João da Pesqueira, Museu de território, Vinho, Construção, Projeto e Exposição.

Abstract

The Douro Region is one of the most important and complete testimonies of the wine industry, both at the nationally and international level. This is the first demarcated region of the world and classified by UNESCO as a World Heritage Site for its unique territory and its natural and cultural relationship.

In addition to its history, Douro Region holds a vast material and immaterial heritage, which is spread throughout the demarcated region located between Mesão Frio and Barca D 'Alva.

Douro's Museum was created as being a territorial museum with a polyvalent and polynuclear structure and with the aim of reunite, preserve, identify and disseminate the heritage dispersed by the region. Classified by the UNESCO, the Museum intended to create several museum centers in the Douro Region focusing on different topics. São João

da Pesqueira had an important role on the creation of the museums by constructing a museum totally dedicated to the wine.

Thus, the present work focused on the creation of a museum in the county of São João da Pesqueira. This was a project that included the participation of several entities linked to the Douro and the wine, as well the collaboration of population of this region. People were available to donate or lend and allowing the involvement and approach of the community to the museum.

From the research about the history of the Douro's Region, this county, the collection of materials of the population of São João da Pesqueira and the Douro Museum, for the development of the permanent exhibition of the Wine Museum, will be described as a museological discourse, with the main themes of identity of the region, talking as a territory museum

In addition to the permanent exhibition alluding to the theme of wine, this Museum will have other services (shop, winebar, wine tasting room and educational service) to the community and making it an active museum. To make it happen would be necessary an annual program of activities related not only to the territory of S. João da Pesqueira but also opening horizons and exploring themes of wine and other crops at national and international level and leaving some suggestions in this report that may be included in the business plan and in its management, in order to assist the beginning of this new challenge.

To concluded and analyzing all of this museum assembly line for me it was the way to found that even having a rich history at all levels, we know that this is raising up now and hoping that after its opening we can develop activities with the community in order to attract all audiences to the Wine Museum of São João da Pesqueira.

Keys – Words – Douro Region, São João da Pesqueira, Territory Museum, Wine, Construction, Design and Exhibition.

Índice

• Siglas / Abreviaturas	6
• Agradecimentos	7
• Introdução	8
• Capítulo 1 – Estágio de integração profissional	12
• Capítulo 2 – Contextualização Histórica	
○ 2.1 – Caraterização da Região Demarcada do Douro	18
○ 2.2 – São João da Pesqueira – como se transformou num território de vinho	22
• Capítulo 3 – Museu do Vinho de São João da Pesqueira	
○ 3.1 – A evolução do museu	28
▪ 3.1.1 – A nova museologia	29
○ 3.2 – Caraterização do Museu do Vinho de São João da Pesqueira.....	31
▪ 3.2.1 – Edifício	35
▪ 3.2.2 – A coleção	36
▪ 3.2.3 – A Exposição – MVP	37
▪ 3.2.4 – Gestão Museológica	41
• Capítulo 4 - Desafios museológicos	44
• Considerações Finais.....	48
• Anexos	50
• Bibliografia	90
• Índice de anexos	93

Abreviaturas/siglas

- 1) RDD - Região Demarcada do Douro;
- 2) UNESCO - *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*;
- 3) MVP – Museu do Vinho de São João da Pesqueira;
- 4) MD – Museu do Douro;
- 5) SWOT – *Streghts, Weaknesses, Opportunities and Threats Analysis*;
- 6) GPS – Global Positioning System;
- 7) IVDP – Instituto dos Vinhos do Porto e do Douro;
- 8) MIDU – Museu do Imaginário Duriense;
- 9) DOC – Denominação de Origem Controlada;

Agradecimentos

No decurso do estágio, inserido no curso do 2º Ciclo de História, especialização em museologia, venho agradecer, em primeiro lugar, ao Doutor João Paulo Avelãs Nunes, meu orientador de estágio pela Faculdade de Letras, pelo apoio que me foi justado, ao Dr. Vítor Sobral orientador pela entidade de acolhimento, pela simpatia com que me recebeu na Câmara Municipal de S. João da Pesqueira.

Em segundo lugar os agradecimentos serão para os meus pais, pela ajuda e paciência; ao Eng. Luís Silva, pelos seus ensinamentos no mundo do trabalho; ao meu namorado, Tiago Amaral, a todos os meus amigos, em especial ao André Penela, ao Guilherme David Santos, ao Paulo Bito, ao Manuel João e ao Nuno Amaral, ao Ricardo Fernandes e à Lénia Amaral pelas correções e apoio.

Por último, agradecer aos meus colegas de trabalho, que me auxiliaram na entidade acolhimento, bem como a todas as pessoas que, ao colaborar na construção do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira, colaboram na concretização do meu Relatório de Estágio.

A todos, o meu muito obrigada.

Introdução

“Um museu dedicado ao Vinho é a expressão cultural de uma região e do seu povo que encontrou na arte de fazer o vinho a dimensão feérica do seu destino. São João da Pesqueira é vinho e vinha, vinha que é trabalho e cansa. Que é esforço e abnegação. Que é sol e dor. Que é vida e prazer”.

José António Fontão Tulha¹

O presente Relatório é o resultado final do Estágio curricular por mim concretizado, inserido no curso de 2º ciclo em História, especialização em Museologia, realizado entre os dias 6 de Janeiro e 6 de Junho de 2014, sendo fruto do protocolo celebrado entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de São João da Pesqueira.

Com vista à realização do estágio supramencionado, a escolha da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira revelou-se prioritária, uma vez que ali se encontrava já projetada a construção de um Núcleo Museológico do Vinho. A oportunidade de colocar em prática os conhecimentos académicos adquiridos até ao momento foi um aliciente importante, juntamente com a possibilidade de acompanhar e colaborar num projeto estruturante para a região do Douro e para o país.

A base de estudo por mim adotada sempre se centrou na região Duriense e no Concelho de S. João da Pesqueira, com particular enfoque no entendimento do fabrico do vinho e na interpretação da paisagem do Alto Douro Vinhateiro. Para além de colaborar num projeto de raiz, a temática abordada por este museu traduziu-se também num desafio pessoal, com a afetividade que a terra natal desperta.

A vontade de materializar o museu esteve sempre presente, existindo, contudo, uma grande dificuldade na sua conceção. O tempo revelou uma tarefa de alta exigência, pela complexidade da função e pelo desejo de atingir as expectativas que este projeto abarcaria, amplificadas pela sua localização no “Coração” da Região Demarcada do Douro (doravante designada por RDD), estabelecida pelo Marquês de Pombal. O Concelho de São João da Pesqueira possui a maior área produtiva de vinho classificada

¹ Mensagem proferida pelo Presidente da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira em funções à data da realização do presente documento, na data de 15/10/2014.

como Património da Humanidade pela UNESCO, detendo um carácter único com uma paisagem natural e cultural autêntica.

Durante o período de estágio, as atividades por mim realizadas iniciaram-se na investigação do território. Sucedeu-se a planificação do conteúdo prático do projeto, ou seja, a recolha dos materiais em torno da comunidade, a sua inventariação e estudo, a fim da sua incorporação na exposição permanente do Museu referido.

Em consonância com a Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, iniciou trabalhos uma equipa multidisciplinar de profissionais da área do *design* e da museologia. O papel por mim desempenhado na relação contratual entre os profissionais envolvidos consistia em assegurar a harmonização nos trabalhos que iriam ser desenvolvidos: na estruturação de detalhes mais sensíveis, houve uma intervenção pessoal mais direta da minha parte, na qualidade de representante da Câmara Municipal, salvaguardando o equilíbrio entre os interesses da comunidade e o projeto museológico, aquando da realização dos trabalhos contratados.

Para além dos trabalhos de museologia, outros foram solicitados, com vista à construção de um edifício de raiz, bem como a resolução dos vários contratempus que lhe foram inerentes.

Embora esta fase tenha sido uma experiência muito positiva para adquirir rotinas de trabalho e aprofundar conhecimentos, foram colocados alguns entraves na concretização de ideias que poderiam favorecer a conclusão deste projeto, uma vez que, inicialmente, a posição de estagiária poderá ter levado à desvalorização de sugestões pessoais, pela orgânica existente na Câmara Municipal.

Com o decorrer dos trabalhos houve um aumento da aceitação e da efetivação das sugestões por mim apresentadas, promovendo a discussão na resolução de questões que favoreceram o museu. Contudo, a disponibilidade económica condicionava, por vezes, a plenitude de implementação das ideias.

Apesar das dificuldades sentidas, vários foram os pontos positivos durante o estágio, como o diálogo e integração na população, a exploração da região, bem com a responsabilidade de analisar, realizar e identificar as mais-valias passíveis de valorizar o Museu do Vinho de S. João da Pesqueira (doravante designado por MVP).

Tendo em conta a *nova museologia*, onde o museu assume cada vez mais, um papel pedagógico e didático, onde figura, concomitantemente, como um eficaz meio de comunicação na sociedade. A equipa constituinte do MVP tentou e continuará a tentar oferecer um museu empenhado no relacionamento com a comunidade.

Assim, este relatório abordará a evolução e construção deste grande desafio por mim abraçado, encontrando-se dividido em quatro capítulos principais.

O primeiro capítulo abordará a experiência profissional desenvolvida durante o período de estágio, apontando a totalidade dos trabalhos efetuados, quer a nível prático, quer a nível do estudo e investigação da História, na construção do referido museu.

O segundo capítulo tratará a história da RDD, desde os primórdios até à atualidade. O Alto Douro Vinhateiro é, nos dias de hoje, tradicionalmente dividido em três sub-regiões: o Baixo Corgo, o Cimo Corgo e o Douro Superior, regiões estas que compreendem diferenças bioclimáticas, paisagistas e agro-geológicas. Estas características favorecem a qualidade dos vinhos e permitem a realização de um roteiro turístico através das singularidades destas sub-regiões.

Ainda neste capítulo serão apontadas e explicadas as formas como S. João da Pesqueira se tornou, ao longo dos tempos, num território de vinho que soube enfrentar desafios com vista à conquista da demarcação, tornando-se num dos maiores produtores de Vinho Generoso da região.

O terceiro ponto deste relatório explicará o desenvolvimento do MVP. Numa primeira fase, será realçada a evolução da história dos museus até à *nova museologia* - corrente seguida na construção deste projeto. Já numa segunda fase, será feita a caracterização do MVP.

Seguindo a iniciativa e a proposta apresentada pelo Museu do Douro (doravante designado por MD) para a construção de um Museu alusivo à temática do Vinho, é adquirido o edifício estudado e projetado para a concretização do MVP. Daqui, prosseguiu-se a descrição das coleções constituintes do museu (objetos, espólio fotográfico, etc.), bem como a escolha e avaliação da exposição permanente.

Permanecendo na linha de pensamento de um museu ativo, existe a necessidade de uma boa gestão museológica, que se demonstra na organização de um estruturado programa de atividades direcionado a todas as faixas etárias; cumprir com a missão,

valores e uma visão para o futuro. Para isto foi efetuada uma análise SWOT² (*Streghts, Weaknesses, Opportunities and Threats analysis* – Análise das Mais-valias, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças ao projeto), o que permite verificar quais os pontos negativos e positivos que o museu poderá oferecer.

Para uma melhor gestão é necessário ter em conta a plenitude dos recursos financeiros, tecnológicos e humanos indispensáveis a uma estrutura organizada e bem definida, bem como o assegurar da implementação integral do regulamento que ao museu diz respeito.

Por conseguinte, serão apontados no último capítulo alguns desafios que o MVP poderá enfrentar, nos campos da delineação de atividades benéficas a desenvolver e dos planos de exposições temporárias das quais o museu poderá dispor.

² Ver anexo II, tabela 1;

Capítulo 1 – Estágio de integração profissional

“O vinho é, no Douro, a memória de todos, o fio condutor de gerações (...) Mas também reina na paisagem, naqueles formidáveis socalcos que montanha acima acabaram por lhe dar forma e feitio”

[BARRETO, 2014:11]

A primeira fase do estágio consistiu no aprofundar do conhecimento pessoal acerca do território de S. João da Pesqueira³, o que permitiu a análise da universalidade do património material e imaterial existente. Isto foi possível através de um roteiro pelas freguesias constituintes do concelho, bem como do contacto com a população residente. A consulta da bibliografia existente acerca do concelho, do vinho e sua produção, integrou também esta primeira fase, assim como a visita e a pesquisa de museus regionais, nacionais e internacionais, respeitantes à mesma temática.

Concluída a primeira fase, procedeu-se à avaliação do local de delimitação do projeto arquitetónico⁴, pela observação da área referente à exposição permanente, incorporante do MVP. Realizou-se igualmente a avaliação de outros espaços de funcionamento do mesmo (gabinetes, sala de provas, loja, lagares e *wine bar*).

Pela Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, iniciou-se a verificação de empresas, quer do âmbito tecnológico, quer outras ligadas à logística do Museu (imobiliário e outros equipamentos) com vista ao começo de prestações de serviço. A conclusão desta etapa encetou a colaboração pessoal efetiva no projeto do MVP.

Diversas reuniões, análise de empresas e orçamentos, culminaram na contratação da empresa de Design⁵, a fim de proceder à conceção e desenho da museografia, em conjunto com a estrutura camarária e a equipa de construção.

³ Ver anexo IV, ilustração 1;

⁴ Ver anexo III, documentos 1,2,3,4,5,6,7;

⁵ A empresa *João Borges (atelier de design)* propôs-se a realizar todo o trabalho de coordenação, conceção, *design* expositivo e museográfico - no design de ambientes interativos e aplicações para as projeções e instalações digitais do museu - a imagem do museu (logótipo e identidade), sinaléticas interiores, catálogo, brochuras, folhetos, *flayers*, cartaz e artigos para a loja do museu.

Concluídos o caderno de encargos, convites e minutas, iniciou-se a realização de secções de visita à obra do museu, por forma a compreender o espaço expositivo ali patente, o detalhe da constituição de cada divisão e quais as temáticas a focar⁶.

A ideia inicial da equipa responsável pelo MVP seria pedir todos os materiais à Fundação Museu do Douro, contudo, por sugestão própria, e seguindo o princípio da *nova museologia*, mais do que ter objetos oriundos de outros locais, em acervo, seria mais interessante envolver o museu com a população e a população com o museu. Isto traduzir-se-ia nos materiais e na recolha de histórias perdidas do concelho, que poderiam ser focadas naquele espaço, prevenindo o seu esquecimento.

Após a anuência da restante em equipa em relação a esta sugestão, deu-se início ao trabalho de pesquisa dos vários produtores existentes em S. João da Pesqueira, numa base de dados municipal⁷, conjugando com outras informações recolhida no Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (doravante designado por IVDP).

Deste modo, seguindo as regras da Câmara Municipal, efetivou-se um suporte de dados dos produtores, o que possibilitou os devidos contactos. Numa primeira fase, o contacto foi realizado via ofício, seguindo por correio eletrónico, num pedido de colaboração para a cedência de objetos. Solicitou-se igualmente o preenchimento de uma ficha de identificação⁸, contendo todos os dados referentes à sua produção e quinta, o logótipo, e por último os rótulos das suas marcas de vinhos.

Durante o prazo das respostas por parte dos produtores, a equipa de museologia envolvida no projeto, conjuntamente com da Câmara Municipal, solicitou à estrutura que me incluía várias informações referentes à bibliografia existente e ao património imaterial. Daqui resultou a recolha dessa informação, que contou com máximo rigor na análise prévias dos conteúdos para o envio apropriado dos mesmos.

⁶ Ver anexo III, documento 8;

⁷ A Câmara Municipal de S. João da Pesqueira frequenta várias feiras de vinhos e de produtos tradicionais, quer a nível nacional, quer a nível internacional, levando os vinhos dos produtores interessados em mostrar o seu produto aos diversos eventos, melhorando a economia regional, o que impulsiona o turismo da região. É de destacar, também, a realização anual de uma das maiores feiras de vinhos regionais – a *Vindouro* – onde os produtores expõem os seu vinhos, com a presença de compradores anónimos e entidades públicas importantes, ajudando a levar a marca de S. João da Pesqueira além da região duriense.

⁸ Ver anexo III, documento 9;

Aquando da obtenção das respostas por parte dos produtores, procedeu-se ao contacto telefónico, com o propósito de esclarecimento de quaisquer dúvidas surgidas no preenchimento do documento enviado. No entanto, na sua grande maioria, apenas foram cedidos parte dos dados requeridos. Este facto revelou essencial elaboração de um suporte de dados, de modo a obter uma maior organização das informações recolhidas.

No que respeita à angariação de objetos, particulares, atentos à evolução do projeto, demonstraram interesse imediato na colaboração, cedendo assim variados materiais que constituiriam a exposição permanente, através da celebração de contratos de empréstimo⁹ e doação¹⁰. Revelado o interesse por parte da população, sucederam-se as visitas às quintas e ao domicílio de particulares proprietários de coleções, para averiguação das mesmas.

Somente artefactos relacionados com o laboratório foram solicitados e posteriormente cedidos pelo MD, visto que, a estrutura da Câmara Municipal, teria celebrado anteriormente um protocolo com aquela entidade para o auxílio da construção do MVP.

O acervo do Museu Eduardo Tavares¹¹ foi também alvo de análise e recolha de materiais arqueológicos¹², por forma a assegurar a presença destes recolhidos em escavações e prospeções arqueológicas na exposição, demonstrando a importância do concelho no decorrer da História.

Após a recolha fotográfica dos objetos e das suas dimensões, reuniram-se as condições para o envio das informações solicitadas pela equipa de museologia, de modo a proceder à seleção. Esta seleção contou com a salvaguarda do interesse dos produtores,

⁹ Ver anexo III, documento 10;

¹⁰ Ver anexo III, documento 11;

¹¹ O Museu Eduardo Tavares ocupa um belo edifício do século XVIII, que anteriormente, terá sido funcionado como Cadeia, Paços do Concelho e Quartel do GNR. Possui duas salas expositivas: a primeira com materiais e toda a história arqueológica do concelho de S. João da Pesqueira; já o segundo piso, faz alusão às obras de escultura e pintura do escultor e professor Eduardo Tavares, oriundo da vila, homenageando-o através da atribuição do seu nome ao referido museu [OLIVEIRA, 2003:6].

Detém um acervo preenchido de vários materiais arqueológicos recolhidos e estudados nas prospeções e escavações realizadas no concelho.

¹² Ver anexo IV, ilustração 2;

que contavam com a exposição de peças de interesse, através da inclusão de algumas das mesmas no MVP.

Durante o período de seleção por parte da equipa competente para o efeito, ocorreu o pedido da documentação em falta, sendo necessário consultar diversas instituições da região do Douro (IVDP, Instituto das Vinhas e do Vinho, Casa do Douro, MD, Ministério da Agricultura e do Mar)¹³ para a cedência de fotografias, documentos referentes a castas e outros, assim como a solicitação aos arquivos da Torre do Tombo para a facultação das cópias dos forais referentes a S. João da Pesqueira.

Torna-se importante destacar que a recolha fotográfica teve a participação direta da população, originando um processo interessante, devido à posse de imagens inexistentes do concelho. Este processo salvaguardou os direitos de autor, celebrou um contrato de cedência de cópias para a exposição, catálogo ou materiais gráficos, designadamente cartazes, convites, desdobráveis, roteiros e produção de *merchandising*.

Concluída a seleção dos objetos, procedeu-se à sua análise. Numa primeira fase, foi necessário incluir objetos de produtores típicos do concelho, não apenas os mais triviais que podem ser admirados noutros museus de vinho da região. Esta ideia foi levada a cabo depois de variadíssimas discussões, passando assim a uma segunda fase – a recolha dos objetos selecionados para a preparação da sua conservação e do seu restauro.

No que toca a este aspeto da conservação e restauro das peças, realizou-se inicialmente um contato com diversas empresas, recebendo entidades das mesmas para a observação dos materiais. Dando início à análise de orçamentos e à efetivação da sua contratação, através de uma prestação de serviços, apurou-se a empresa responsável por fornecer este serviço ao MVP. Celebrado o contrato, concretizou-se a deslocação das peças devidamente embaladas para a empresa em questão, conforme acordado.

Posteriormente, urgiu processar outras informações, nomeadamente o estudo e a recolha final dos rótulos dos produtores colaborantes no projeto, de modo a ser possível a inserção dos dados em quadros interativos. Isto permitiu a instrução do visitante do MVP na leitura de rótulos.

Após a entrega do guião expositivo da exposição permanente do MVP, onde as várias alterações realizadas levaram a cabo uma reestruturação do espaço expositivo,

¹³ Ver anexo III, documento 12;

ocorreram atrasos na obra. Esta situação levantou alguma preocupação, visto que a conclusão da referida obra teria de ter efeito o quanto antes.

Durante a finalização das alterações mencionadas, os autores das fotografias e das filmagens requereram ajuda, visto que não tinham conhecimento do território. Daqui surgiu a necessidade de acompanhar no terreno esses serviços, onde foram selecionadas paisagens e construções que virão ser merecedoras de destaque na exposição permanente.

Feito o trabalho fotográfico e de filmagem, procedeu-se ao envio para a equipa de museologia. Nesta altura, o catálogo da exposição permanente foi recebido, sendo necessária a correção de todos os pontos, pela análise dos direitos de autor das imagens, da bibliografia e das questões mais técnicas, como por exemplo, a lista de agradecimentos.

Tendo os materiais todos restaurados procedeu-se à sua inventariação¹⁴. O estudo começou pela parte fotográfica, medições e descrições de cada objeto, elaborando assim, o preenchimento das fichas de inventário.

O aproximar do fim do prazo para a construção levou ao adiamento da inauguração MVP, devido ao atraso nas obras exteriores e interiores e ao surgimento de problemas que provocaram dificuldades às equipas de Engenharia e Arquitetura envolvidas. Este período de três semanas encerrou muita pressão para todos os envolvidos, uma vez que daqui poderiam advir graves problemas, sendo uma obra de financiamento público e estando fixadas as datas no caderno de encargos. No entanto, decidiu-se a continuação dos trabalhos, finalizando o inventário e iniciando uma colaboração diária com a empresa escolhida para a montagem museográfica.

Assim, foram levadas a cabo várias atividades por forma a atualizar todos os dados produzidos até à data, de modo a identificar possíveis falhas, nomeadamente:

- Identificar a carência de alguns rótulos de empresas, sendo necessário realizar novamente contactos e insistir com os produtores para a cedência dos mesmos, de modo a finalizar os conteúdos de duas mesas interativas;
- Elaborar mapas do concelho com os novos dados de união de freguesias, os principais cursos de água, coordenadas GPS atualizadas, para integração nas restantes mesas interativas e para alguns painéis que fariam parte da exposição;

¹⁴ Ver anexo III, documento 13;

- Discutir e aprovar o logótipo¹⁵ do MVP;
- Criar uma nova base de dados sobre as empresas e quintas com todos os dados atualizados e analisados, pois ocorreu uma reestruturação no Plano Diretor Municipal;
- Efetuar novas medições, com o máximo rigor, aos objetos para a colocação em vitrinas;
- Escolher vídeos realizados a entidades ligadas à produção de vinhos para a exposição e correção das traduções feitas de português para inglês;
- Elaborar um breve texto acerca de cada objeto para a produção das etiquetas;
- Ultime os contratos de empréstimo dos objetos do MD e a sua recolha;
- Discutir e aprovar as brochuras, folhetos, cartazes e artigos a constituir a loja do museu.

Para finalizar o estágio na Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, foram efetuadas visitas regulares ao museu. Estas tinham como objetivo visualizar e avaliar os progressos da obra, bem como a instalação da decoração exterior e interior (os portões do edifício, jardins, os materiais interiores que estavam a ser utilizados), e ainda fiscalizar todos os trabalhos efetuados na montagem dos materiais informáticos, painéis, plintos e vitrinas.

A realização do regulamento contou com a minha participação, assim como mantive funções de carácter consultivo na gestão museológica do MVP.

Foi com grande pesar pessoal que pude notar, no final do estágio, a não conclusão da exposição permanente e outros serviços do museu. Contudo, foi-me comunicada a intenção de que a colaboração com este projeto continuasse, em regime parcial, para expressão de opiniões pessoais e consulta na toma de decisões referentes à museografia do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira.

¹⁵ Ver anexo IV, ilustração 3;

Capítulo 2 – Contextualização Histórica

2.1 – Caracterização histórica da Região Demarcada do Douro

“A região do Douro, considerada como ambiente, é uma maravilha do homem, não uma maravilha de criação. Tudo ali canta a força e vitória e dos seus colonos”.

Aquilino Ribeiro¹⁶

Por toda a área duriense, são visíveis os abundantes vestígios de ocupação dos períodos do Paleolítico, do Neolítico, do Calcolítico e da Idade do Ferro, demonstrados pela forte concentração de monumentos megalíticos, esculturas antropomórficas e de figuras rupestres ao ar livre, com maior destaque na zona do Vale do Côa sendo caracterizado como *“um pólo cultural de um valor universal único”* [PEREIRA,2006: 106].

Contudo, as informações disponíveis acerca das origens da cultura da vinha no Douro são escassas e pouco consistentes, como é-nos demonstrado, através de escavações arqueológicas efetuadas em necrópoles do período do Calcolítico, na zona de Mirandela, onde surgiram vestígios de grainha *“vitis”*. Porém não existem garantias que o Homem, em tempos remotos, cultivava-se a videira.

Todavia, nos séculos III e IV, no final do império romano, através de escavações realizadas na Vila Agrária de Fonte do Milho em Poiares (freguesia próxima da Régua), demonstraram estruturas bem conservadas de um lagar (torcularium) e de uma adega (apotheca), bem como, vários fragmentos cerâmicos de recipientes de barro, destinados ao armazenamento de vinho. Mas apesar da importância destes vestígios, faltam ainda estudos aprofundados da produção vitivinícola nesse período.

Nos inícios da Época Medieval, o vale do Douro foi dominado por suevos, alanos, visigodos e muçulmanos, que entraram na região espalhando novas crenças e novas formas culturais. A cultura do vinho não foi, contudo, extinta, tal certeza é-nos concedida

¹⁶ [Http://ferradodecabroes.blogspot.pt/2010/10/favaio-em-festa.html](http://ferradodecabroes.blogspot.pt/2010/10/favaio-em-festa.html) (05/11/2014 – 14:30);

nas diversas cartas de foral, desde a reconquista de Fernando Magno, em meados do século XI, onde se verificava várias referências ao vinho [CARRERA,1999:31].

Depois da formação de Portugal, a produção vitícola intensificava-se cada vez mais. Simultaneamente, cresciam diversas comunidades religiosas, destacando-se pelo seu papel económico, mais concretamente, os mosteiros filiados na Ordem de Cister. Terá sido nesse momento de prosperidade e abertura económica que se iniciou a relação entre a região e o Porto, aumentando o tráfego ribeirinho nas principais rotas mercantis europeias.

Nos inícios do século XVI, a plantação de explorações agrícolas dominava a paisagem nas encostas viradas para o Rio Douro. Com a chegada do século seguinte a expansão vitícola prosperava, devido ao fato, de ter existido um desenvolvimento na tecnologia de produção de vinhos, como também de um maior envolvimento nos mercados europeus. Porém, apenas em 1675 surge pela primeira vez uma referência documental à designação Vinho do Porto, referente a vinhos exportados para a Holanda.

Com o Tratado de Methuen, assinado em 1703, a Inglaterra passou a importar grandes quantidades de Vinho do Porto (devido ao fato de existirem rivalidades com a França). Em contrapartida, Portugal teria de dar preferência aos tecidos ingleses [CARRERA,1999: 47].

A partir deste momento a produção duriense, com a instalação do produto no mercado inglês, aumentava cada vez mais. O comércio começou a ser alvo de falsificações e fraudes. Sendo assim, em 1754, decidiu-se pelo embargo a este produto, acusando os viticultores de promoverem adulterações.

Esta situação provocou uma época de grandes conturbações. Assim as pressões ao governo de Sebastião José de Carvalho, futuro Marquês de Pombal, começavam a surgir por parte de todos os produtores. Este viu-se obrigado a tomar medidas, criando a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro¹⁷.

A Companhia tinha como principal objetivo sustentar a produção do Vinho do Porto, ou seja, apoiar o granjeio da vinha e a própria produção para que recompensasse a lavoura diária de cada produtor. Para além deste, a Companhia introduziu a “ Chamada Demarcação Pombalina¹⁸” onde não só definia os limites de uma região vitícola, como

¹⁷ Ver anexo IV, ilustração 4;

¹⁸ Ver anexo IV, ilustração 5;

também procedia à elaboração de um cadastro e de uma classificação das parcelas e dos respetivos vinhos.

Com o fim do reinado de D. José e o afastamento do Marquês de Pombal, a Companhia perderia alguns privilégios. No final do século, a prosperidade do comércio do vinho estimulava uma nova fase de expansão, derivado também, pela destruição do Cachão da Valeira que delimitava a demarcação, criou condições para o alargamento da área vitícola no Douro Superior [PEREIRA, 2006:112].

Com a implantação do liberalismo em 1834, assistiu-se a profundas reformas no setor da região, entre elas, a extinção da Companhia, bem com a anulação da demarcação e do regime do exclusivo da barra do Porto para a exportação dos vinhos do Douro [SILVA,2007: 47].

Como consequência, estas medidas originaram imediatamente sinais de crise, dificuldades no escoamento dos vinhos, grande quebra dos preços e o surgimento de falsificações. Perante esta situação, as Cortes Constituintes decidiram restaurar a Companhia por mais vinte anos [SILVA, 2007: 47-48].

Na segunda metade do século XIX, várias transformações ocorreram na região Duriense: surgiram novos meios de transporte, uma nova legislação liberalizadora e períodos de grandes crises devido ao aparecimento de doenças sobre a vinha.

Em 1852, esta nova legislação liberalizadora de Fontes Pereira de Melo, viria a reduzir os direitos de exportação do Vinho do Porto, substituindo também a Companhia por uma Comissão Reguladora da Agricultura e Comércio dos Vinhos do Alto Douro. Após a sua nomeação, esta nova Comissão teve um papel apagado.

Nesta mesma data, as doenças na vinha começavam a surgir. A primeira grande praga chamada de oídio, rapidamente se espalhou pela região. Anos mais tarde, em 1863, a filoxera surgia em terra durienses devastando a região colocando os viticultores num quadro de miséria obrigando ao abandono dos seus terrenos deixando-os em autênticos mortórios [PEREIRA,2009: 4-15].

Para o combate desta praga, vários foram os mecanismos efetuados, desde a plantação de tabaco, sumagre e injeções de sulfureto de carbono. Porém a solução desta doença seria a introdução de porta-enxertos americanos, sobre os quais se enxertavam castas regionais [PEREIRA,2009: 4-15].

Muitos autores fazem referência à filoxera como fator impulsionador de mudanças revolucionárias, ou seja, assistiu-se a uma redefinição do espaço regional duriense, bem

como ao ponto de viragem do Douro Pombalino para o Douro Contemporâneo, com o alargamento da região Demarcada do Douro.

Neste período de viragem, com o alargamento do território e muito dos vinhedos reconstruídos, os vinhos durienses passaram a ultrapassar largamente as necessidades do comércio, deixando novamente o Douro numa profunda crise económica.

Com o fim da monarquia e a instauração da Primeira República, a situação social da região do Douro não sofreria melhorias significativas. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, as exportações aumentaram, iniciando uma era de prosperidade. Todavia, esta era de prosperidade viria a ter fim pouco tempo depois.

A crise continuava e em 1929, os Paladinos do Douro, com o apoio dos Sindicatos Agrícolas, Câmaras locais e a Comissão de Viticultura, lançavam o projeto de Lei de Salvação do Douro. Esta medida levou a cabo, em 1932, à criação da Casa do Douro, com o objetivo de fiscalizar o porte de aguardente e dos vinhos de exportação.

Em 1933, outros organismos que visavam os interesses da lavoura duriense foram criados, como o Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto, bem como o Instituto do Vinho do Porto.

Neste processo de instalação de novos organismos, entre 1937 a 1945, a Casa do Douro procedeu à elaboração do cadastro vinícola, com fim de introduzir um novo sistema de benefício com base num método de pontuação, definido por Álvaro Baltasar Moreira da Fonseca. Este método pontuava um conjunto de critérios, tais como: o clima (altitude, localização, exposição e abrigo), terreno (natureza do terreno, inclinação e cascalho) e condições naturais (castas, feição cultural, idade da vinha e compasso). Estes critérios permitiram a definir a categoria da parcela vitícola (de A a F) para a produção de Vinhos do Porto, mais ou menos qualificados [PEREIRA,2006:125].

Entretanto, nos períodos de Segunda Guerra Mundial e de pós-guerra, o sector do Vinho do Porto viria a viver novamente uma forte crise económica. O ponto mais alto desta crise desenrolou-se entre os anos de 1953 a 1957, devido ao facto da produção ter aumentado sem que a curva da procura mantivesse o mesmo percurso. Como consequências, as percentagens de benefícios caíram substancialmente, obrigando os viticultores a vender os seus vinhos beneficiados a preços mínimos, e a entregar os vinhos não beneficiados, para queima, à Casa do Douro [PEREIRA, 2006: 126-127].

Porém, a partir dos anos sessenta do século XX, o Vinho do Porto conheceu finalmente uma nova fase de crescimento económico. Esta fase, que apesar de positiva para a economia, ocorreu num contexto de perda e desestruturação regional: o forte surto

de emigração, migração e a guerra colonial fizeram despovoar muitas das aldeias que produziam vinho.

Todavia, devido a estes fatores, novos sistemas de organização dos vinhedos viriam a desenhar a paisagem e novos organismos surgiam e outros entravam em extinção.

O Instituto do Vinho do Porto e a Casa do Douro mantiveram as suas funções. No que toca ao Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto, iria dar lugar à Associação dos Exportadores do Vinho do Porto. Em 1995 foi instituída a Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro, constituída por representantes da lavoura e do comércio.

Nos últimos anos do século XX, a viticultora duriense viveu um período notável de expansão, devido às grandes colheitas, às novas tecnologias introduzidas, bem como à qualidade e quantidade do vinho.

2.2 - S. João da Pesqueira – como se transformou num território de vinho

DOURO. Assim é chamada a uma das mais antigas regiões vitivinícolas do mundo, onde S. João da Pesqueira se integra. Situa-se no limite da sub-região Cimo Corgo e no início do Douro Superior, na bacia hidrográfica do Douro. Os seus territórios são considerados os melhores para o cultivo da vinha¹⁹.

S. João da Pesqueira²⁰ possui uma longa história, com diversos achados arqueológicos que remontam desde a época da Pré – Histórica, quer no Vale do Távora, como nas vertentes viradas para o rio Douro. Isto é-nos demonstrado nas escavações arqueológicas efetuadas nos locais da Fraga D’aia e Dólmen de Areita²¹, e nas várias prospeções efetuadas pelo concelho.

¹⁹ Ver anexo IV, ilustração 6;

²⁰ Ver anexo IV, ilustração 7;

²¹ Estes monumentos pré-históricos, situados na freguesia de Paredes da Beira, pertencentes a S. João da Pesqueira, descrevem a presença de civilizações passadas neste território. As escavações realizadas ao monumento funerário, dólmen de Areita, revelaram uma série de achados importantíssimos para a caracterização da história e das comunidades humanas neolíticas, estudados e restaurados em 1996 pelos arqueólogos Pedro Sobral e Filipe Coutinho, atribuindo-lhe a idade de 5000 anos e classificando-o como sendo um dos maiores existentes a Norte de Portugal.

No que toca à Frada D’aia, os arqueólogos apelidaram -no como um abrigo rupestre, contendo pinturas nas suas paredes a vermelho, que representam figuras humanas e de animais num cenário de caça, ainda visíveis

A presença romana neste território, também se encontra visível em diversos achados em Quintas, em prospeções e escavações realizadas em torno de S. João da Pesqueira, sendo de destacar a descoberta na freguesia de Trevões de uma *cupae*²² [FRAUVRELE;SEQUEIRA,2001:94].

É no contexto da Reconquista que, entre 1055 e 1065, o rei Fernando Magno atribui foral a S. João da Pesqueira, bem como a outras terras daquela região,” *constando já então o vinho entre os tributos a pagar ao rei*” [FRAUVRELLE, 2014:25]. É de realçar que S. João da Pesqueira é um dos concelhos mais antigos de Portugal.

No relato de Ruy Fernandes percebemos o aumento gradual dos espaços agrários, dando estes origem a trocas comerciais de S. João da Pesqueira para a cidade do Porto: “*Desde São João da Pesqueira tãobem vem ao Porto almadias feitas de cortiça que trazem cem dúzias de cortiça, e mais, leadas com paus, e esta cortiça se vende a pescadores para boyas, e aa sapateiros; e sobre ella trazem muitos odres de vinho, vinagre, e mel, e muitos sacos de sumagre, e vem homens nellas que as governão, são mais seguras de prigo que as barcas*” [FERNANDES, 2001:96].

Esta ocupação dos espaços agrícolas fez com que a população crescesse e se instalasse nestas terras. Esse crescimento foi visível através das ofertas das famílias²³ mais abastadas para o enriquecimento de igrejas.

No final do século XVII e início do século XVIII, o comércio dos vinhos entrava em expansão em toda a área duriense. Contudo, a partir da data de 1756 os excessos de produção eram notórios. Com a criação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, chefiado pelo Marquês de Pombal, que na sua juventude estudara no colégio franciscano em S. João da Pesqueira, existiu a necessidade de delimitar o território do Baixo Corgo.

Por conseguinte, S. João da Pesqueira pertencia ao Cimo Corgo onde “*apenas foram considerados para o vinho de embarque algumas propriedades junto à aldeia de*

a olho nu. Foi descoberto em 1988 pelo Arqueólogo Vitor Oliveira Jorge, que afirma que aquela região já era habitada em 2500 A.C.. As escavações revelaram, não só o local, como também, vários materiais que indicam uma economia baseada na agricultura, caça e pesca. Foi novamente estudado posteriormente pelos mesmos estudiosos do Dólmen de Areita [COSTA, 2008: 22-34].

²² Monumento funerário romano em forma de pipa.

²³ Por toda a região, são visíveis inúmeras habitações fidalgas, ainda habitadas pelos seus herdeiros, onde esse crescimento da população poderá associar-se à expansão do negócio dos vinhos.

Casais do Douro”²⁴. A qualidade dos vinhos era desvalorizada, demarcando apenas algumas áreas para vinho de ramo, seguindo os cursos dos rios Torto e Douro até ao Zona de Foz do Tua, sendo o último ponto navegável devido ao Cachão da Valeira [FRAUVRELLE, 2014: 26].

Foram realizadas várias reclamações, mas as dificuldades eram enormes em demarcar e valorizar os vinhos sem criar qualquer tipo de agitação.

Já no reinado de D. Maria I, nos finais do século XVIII, o aumento da procura dos vinhos do Douro originou novas demarcações, denominadas por demarcações subsidiárias ou Marianas, que visavam o aumento do território e a alteração da classificação dada aos vinhos [PEREIRA; ALMIEDA, 2001:186], o que também englobou o território de S João da Pesqueira²⁵.

Contudo, estas demarcações foram instauradas para combater as reclamações que anteriormente teriam sido feitas pelos produtores da época, bem como, para responder às necessidades do mercado, de modo a evitar novas falsificações e contrabando dos vinhos.

Ainda nos finais deste século, contrariamente à sub-região do Baixo Corgo, a vinha não era a cultura principal desta região, como é revelado numa Memória da Real Academia das Ciências e numa expedição realizada pelo rio Douro acima da Valeira, por José Vitor de Magalhães e Manuel Moreira Garcez, comissários da Companhia. Aqui é feita uma descrição detalhada do território, constatando que aquelas zonas²⁶ já produziam vinhos, embora ainda desconhecidos [FRAUVRELLE, 2014: 17].

Mais transformações iriam ser realizadas, como a destruição do Cachão da Valeira²⁷, situado junto ao S. Salvador do Mundo, onde uma enorme pedra de granito

²⁴ Casais do Douro situa-se a poente de S. João da Pesqueira, junto ao rio torto com grande fama na qualidade das uvas e produção de vinho. No ano de 1839, pertencia à freguesia de Valença do Douro do Concelho de Tabuaço, e posteriormente, em 1852 foi anexada a S. João da Pesqueira.

²⁵ Com as Demarcações Marianas iniciou-se a criação de zonas de feitoria inexistentes no concelho, onde territórios pertencentes a Ervedosa do Douro, Soutelo do Douro, Nagoselo do Douro foram incluídos nas demarcações e na classificação dos seus vinhos.

²⁶ As zonas referidas pelos comissários da Companhia seriam as freguesias de Vale Figueira, Vilarouco, Pereiros e Valongo dos Azeites, áreas pouco conhecidas até aquela época, porque se situavam acima da Valeira.

²⁷ Ver anexo IV, ilustração 8;

criava uma cachoeira, sendo essa a razão deste ser o último ponto de navegabilidade²⁸ do Douro.

Esta destruição constituía uma prioridade para a região, pois o rio era a via mais acessível para as trocas comerciais. Assim, no reinado de D. João V, os primeiros passos foram dados com o engenheiro Bento de Moura Aragão, embora a demolição do cachão só se tenha realizado no verão de 1780, no reinado de D. Maria I, sob a direção do Padre António Manuel Camelo²⁹, ao qual se junta, em 1788, o hidrógrafo José Maria Yola.

Este processo demorou vários anos, embora já se realizassem viagens de barco para montante. Continuava a ser um ponto difícil de navegabilidade registando-se vários acidentes, sendo o mais conhecido o naufrágio³⁰ do Barão de Forrester³¹.

A regularização só terminaria com a construção da barragem chamada de Valeira, que domou as correntes do Douro, abandonando a navegação tradicional.

Na primeira metade do século XIX, a expansão dos vinhos era notória, investindo-se fora da área demarcada, como na Quinta de Vargellas e Quinta do Cachão³², mas também em muitas outras, quer no curso do Douro, quer nas margens do rio Torto. Estes investimentos foram facilitados pelas mudanças políticas do liberalismo.

Assim, em 1834, D. Pedro IV extingue a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, dando aos lavradores a livre disposição das suas vinhas e vinhos. Esta medida viria a causar, passados quatro anos de puro liberalismo, a recuperação da Companhia que, em 1865, seria abolida definitivamente.

Na segunda metade do século, a entrada no mercado dos vinhos do Douro Superior e a expansão das suas vinhas tiveram um grande impacto, beneficiando da construção da linha de caminho-de-ferro a partir de 1873.

²⁸ O cachão da Valeira revelando-se um grande perigo para as trocas comerciais, gerou duas realidades distintas na região de S. João da Pesqueira: a jusante, o plantio de grandes explorações vinhateiras, e a montante, um Douro Superior (terceira sub-região na RDD) com a produção de azeite, cereal, sumagre e amêndoa [MONTEIRO, 1992: 89].

²⁹ Pároco natural de S. João da Pesqueira.

³⁰ O Cachão da Valeira vitimou o escocês Barão de Forrester, estudioso e grande admirador da região do Douro, a 12 de Maio de 1861. Nesse mesmo barco rebelo iria D. Antónia, mais conhecida como a Ferreirinha, tendo sobrevivido devido aos seus trajes [MONTEIRO, 1992: 89].

³¹ Ver anexo IV, ilustração 9;

³² Ver anexo IV, ilustração 10;

Surtem várias pragas na RDD, afetando S. João da Pesqueira. A grande doença da filoxera atingiu várias vinhas junto ao Vale do Torto e alguns pontos nas encostas de Ventozelo e Roriz³³. Vários especialistas na procura do tratamento da praga deslocaram-se ao Douro, e no caso de S. João da Pesqueira, o perito francês Pierre Viala, em 1902, visita a Quinta de Roriz e a Quinta das Carvalhas, testando várias soluções.

Apesar dos estudiosos tentarem arranjar uma solução, não só para o Douro, mas na Europa também, os proprietários testavam, também eles, várias soluções em busca de melhores resultados. Surge então o porta enxerto americano, que traria várias mudanças nas práticas agrícolas, o que se refletiu nos custos de produção.

A enxertia implicou a aprendizagem de novas técnicas e impôs igualmente uma mudança na sistematização do terreno, trazendo contudo grandes despesas na necessidade de reconstruir os vinhedos destruídos pela filoxera. Esta situação levou ao aparecimento de novos proprietários no mercado com capital para investir. No caso de S. João da Pesqueira, tal aconteceu na Quinta do Cachão e Vargellas.

Instala-se no Douro novamente uma nova crise, forçando a população a emigrar. Só no início de século XX, com a legislação de João Franco, em 1907, foi imposto um novo regime para a produção e comercialização de vinhos, ampliando a demarcação³⁴ até Barca de Alva, colocando S. João da Pesqueira numa excecional situação de centralidade da Região do Douro, o que será reforçada ao longo do século XX [PEREIRA, 2006: 120-121].

A situação da viticultura era o tema mais discutido na época e, em resultado de vários encontros, decide-se criar no Douro uma estação experimental de agricultura com o propósito de estudar culturas alternativas à vinha. O local escolhido para a sua instalação foi S. João da Pesqueira, na Quinta de Santa Bárbara, junto à Foz do rio Torto.

A matriz cooperativista do Estado Novo impõe, a partir de 1953, a criação de uma rede de adegas cooperativas, decretadas pelo Ministro da Economia então em funções [MARTINS, 1990:410], que visa solucionar os problemas de fabrico do vinho e garantindo o seu armazenamento. Em S. João da Pesqueira a primeira adega a ser criada

³³ Ventozelo e Roriz são duas importantíssimas quintas do concelho de S. João da Pesqueira, pela sua antiguidade, preservando as suas construções características de Quinta (capela, lagares, casa do caseiro, jardins imponentes entre outros) e pela qualidade dos seus vinhos.

³⁴ Ver anexo IV, ilustração 11;

foi a adega de Trevões (Freguesia do concelho da Pesqueira), em 1961, e no ano seguinte a de S. João da Pesqueira.

Com o crescimento da vinha e a escassez de mão-de-obra, foi fundamental a procura de alternativas de mecanização da vinha duriense. Assim, as últimas décadas do século foram marcadas pela transformação dos vinhedos, impulsionada pelo apoio dado pelo Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes, o que auxiliou a reconversão das vinhas tradicionais para vinhas mecanizadas.

O início do século XXI corresponde a um processo continuado de afirmação, através da construção de novas adegas, do investimento no sector vitivinícola e na valorização da Região a nível nacional e internacional.

Embora os proprietários de grandes explorações detenham uma importância na região, os pequenos produtores possuem parcelas dispersas, os chamados “prédios”³⁵ Estes estão organizados em talhões e são pontuados de pequenas casas, servindo para guardar as suas alfaias e, ainda, armazéns onde é produzido e armazenado o vinho para consumo próprio. Posteriormente as restantes uvas são vendidas para as adegas cooperativas do concelho.

É de realçar que S. João da Pesqueira possui outras culturas nos seus territórios, como a amêndoa, a produção de azeite com grande qualidade, cereal, mel, pomares, o que permite alargar o rendimento e criar uma paisagem de várias culturas, demonstrando a verdadeira essência do Douro.

Por fim, o prestígio dado pela história da RDD impulsionou a construção de vários núcleos e museus pela região alusivos ao património duriense, tal como aconteceu em São João da Pesqueira, que se encontra a ultimar a estrutura do MVP. Por conseguinte, existiu a necessidade de realizar pesquisas acerca dos pontos históricos, quer ao nível da RDD, quer ao nível de São João da Pesqueira, para a integração no discurso museológico, podendo, assim, o visitante entender a evolução e importância do vinho nesta região, tanto a nível económico e cultural, classificado pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade, destacando 20% desta área classifica pertencente ao concelho de S. João da Pesqueira.

³⁵ Prédio é o termo utilizado pelos durienses para classificar uma área de cultivo.

Capítulo 3 – Museu do Vinho de São João da Pesqueira

3.1– A evolução do museu

“ O museu começou por ser uma instituição de abrigo para objetos de valor artístico, histórico ou científico, conservados e expostos para uma elite”

Luís Alonso Fernández, 1998

A evolução do museu tem um longo caminho percorrido, iniciando-se com os gabinetes de curiosidades, onde o objetivo seria agrupar, por semelhanças e géneros, diferentes tipologias.

No século XVII desenvolveu-se uma visão mais experimental, ou seja, começou a surgir a ideia de organizar as coleções por género e espécies.

Contudo, terá sido na época do Renascimento que surgiu a conceção do museu e coleção, devido ao facto do Homem ter percebido a importância do tempo, pois *“ quando o passado adquiriu valor para o Homem este pôde avançar com a ideia de Museu e encontrar nesta a forma de recuperar, reencontrar e preservar memórias”* [SANTOS, 2006: 11].

Porém, segundo Luís Alonso Fernández, a essência da história dos museus terá surgido através do fenómeno do colecionismo *“ el fenómeno del coleccionismo há sido en todas las culturas el germen de los museos, trascendiendo un origen puramente europeo, para ser universal”* [FERNÁNDES, 1993:57].

Por conseguinte, na época do Iluminismo, nasce um novo paradigma: a investigação e o espírito crítico. Concebe-se que a educação, arte e a cultura seriam um direito de todos e não apenas de uma elite própria. Mesmo assim, continuava a existir uma relutância na abertura destas instituições ao público em geral, estando apenas confinados a grupo de nobres, militares e a personalidades.

Não obstante, a conservação e o estudo das coleções eram as principais funções do museu.

Com o avanço do conhecimento, devido às influências francesas e com a sua revolução, desponta o conceito de coleção como instituição pública chamada de museu. Assim, em 1759 surge o primeiro museu público – Museu do Louvre – com coleções acessíveis a todos. A partir do século XIX, começaram a aparecer em todo o mundo, novos museus com riquíssimas coleções³⁶ [SANTOS, 2006: 13].

Com a industrialização, deparamo-nos com a importância demonstrada na preservação do que é específico de cada local ou país. Assim, o património começa a ser classificado como elemento identitário, o que faz acelerar a diversificação e criação de novos museus, cada vez mais relacionados com o desenvolvimento económico e tecnológico.

Não poderemos esquecer que o museu de hoje é fruto de uma evolução da sociedade contemporânea, em especial no período Pós Segunda Guerra Mundial, onde a ideia de património ganha força, fazendo surgir novas mentalidades e vontade de proteger tudo o que representasse o passado, uma região, um povo.

Já na segunda metade do século XX, os museus tiveram um grande desenvolvimento, visto que o público tornou-se mais exigente. Desta forma, novas temáticas começariam a ser abordadas assistindo à junção da arte tradicional (pintura, escultura) com exposições fotográficas.

Embora o crescimento do setor se mostrasse em evolução, o museu teria de enfrentar novos desafios, sendo reconhecida a necessidade de um museu que se adaptasse ao novo mundo contemporâneo, o que deu origem a uma nova corrente – A Nova Museologia.

3.1.1 – A nova Museologia

A corrente da nova museologia surge com o objetivo de retirar ao museu um carácter sacralizado, aproximando-o das populações e colocando-o ao serviço das mesmas, deixando assim o objeto de ser o principal alvo dos museólogos, passando a

³⁶ Museu do Prado, em Espanha; Museu Mauritshuis, na Holanda, Museu de Versalhes, em França.

sociedade a usufruir dessa atenção, em que o museu se assume como instrumento ao serviço da comunidade.

Se na museologia tradicional o público e o edifício eram importantes, para a nova museologia é a comunidade, o território e o próprio museu que assume esse papel “ *el museo tradicional construye sus actividades sobre un enfoque monodisciplinar heredado de la constitución de disciplinas científicas autónomas del siglo XIX (historia del arte, arqueología, etnología, ciencias naturales) el nuevo museo antepone enfoque interdisciplinal y ecológico, el acento estriba en las relaciones entre el hombre y su medioambiente natural e cultural*” [FERNÁNDEZ,1999:83].

Teremos de ter em conta que a nova museologia defende que o museu seja o resultado de uma reflexão do Homem, da sua atividade e do meio social que vive, utilizando uma linguagem direta facilitadora do conhecimento do objeto.

Com esta certeza, desde logo, assistimos a um triunfo de um sistema mais aberto e interativo tendo como objeto o património doado pela comunidade, ao invés das tradicionais coleções. Presenciamos a uma consciencialização da comunidade em que se apela à sua participação “ *el museo no se dirige a un público indeterminado compuesto por visitantes anónimos. Su razón de ser es estar al servicio de una comunidad específica. El museo se vuelve actor y útil del desarrollo cultural social y económico de un grupo determinado*” [FERNÁNDEZ, 1999:83].

A instituição assume-se como um instrumento ao serviço da comunidade, em que as pessoas deixam de ser recetoras passivas da mensagem, passando a ser conhecedoras das questões relativas à sua história e ambiente.

Com o passar do tempo, o museu torna-se um espaço aberto e educativo, que não se resume apenas à área de exposição, mas a todas as suas instalações com a finalidade do bem-estar de quem as visita, sendo um espaço promotor de atividades culturais. Existe uma alteração na linguagem comunicativa, assistimos à introdução de novas tecnologias, livrarias, traduzindo-se num museu em permanente renovação aos níveis conceptual, científico, técnico, programático, funcional e organizacional.

O Museu é hoje um local mais amplo, agradável, sociável, informatizado, em permanente renovação e evolução, aberto a que todos o procurem: “ *Durante demasiado tiempo, los museos han defendido los valores de la erudición, la investigación y la*

colección a expensas de las necesidades de los visitantes, el resto de hoy es conservar estas preocupaciones tradicionales pero combinándolas con valores educativos que se centran en cómo los objetos conservados en los museos pueden mejorar la calidad de vida de todos” [HOOPER, 1998:9].

Apesar de todos os problemas e questões que são levantadas para o futuro, ninguém parece ter dúvida que os museus constituem, hoje, uma das mais populares ofertas a nível cultural e educacional, atraindo um conjunto de pessoas e afirmando-se como um destino turístico.

3.2 – Caracterização do Museu do Vinho em S. João da Pesqueira

“ «O Serviço de Museologia identifica, preserva e divulga todas as fontes históricas e antropológicas, espirituais e materiais do património cultural e natural da região do Douro, de modo a cumprir a missão do Museu do Douro «de preservar, estudar, expor e interpretar objetos representativos da história e desenvolvimento da região do Douro» ”.

Museu do Douro³⁷

Quando falamos em RDD, estamos a referir à Primeira Região Demarcada e regulamentada do mundo, classificada como Património Mundial da Humanidade³⁸ em 2001, pelo seu caráter único de território, pela relação natural e cultural do vinho com

³⁷ [Http://www.museudodouro.pt/](http://www.museudodouro.pt/) (05/11/2014 14:50);

³⁸ No ano de 2001, a Região Demarcada do Douro foi classificada e considerada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade. Fernando Bianchi de Aguiar descreve esta terra na seguinte forma: “*um exemplo de paisagem que ilustra diferentes etapas da história humana e representa uma paisagem cultural evolutiva viva*”, portanto, é assim justificado o facto, desta região ter sido integrada num grupo restrito de locais que detêm o epíteto de Paisagem Cultural, uma designação criada em 1992 pela UNESCO, para as paisagens que combinam o trabalho humano com os valores culturais, constituindo assim um valor universal reconhecido [<http://www.diariodetrasmontes.com/douro.html>] (05/11/2014 15:02);

outras culturas, pela diversidade da arquitetura local, pelo trabalho notável realizado pelo Homem na construção de muros em xisto que se prolonga nas encostas e pela autenticidade e integridade da paisagem cultural.

Assim, existiu a necessidade de criar um Museu que dialogasse e fizesse “*participar toda a comunidade, com e pelo seu património, no desenvolvimento do território*” [VARINE, 2005:8-12].

Surge então o Museu do Douro, um museu dedicado ao desenvolvimento de um território, de uma região³⁹, impulsionado pela classificação da UNESCO, apesar da sua instalação ter sofrido um longo caminho de espera, com discussões e falta de interesse demonstrada pelos governantes anteriores à data.

Anteriormente, este projeto museológico surge através de propostas por parte da Assembleia da República na qual foi aprovada a Lei de Criação do Museu da Região do Douro (Lei nº 125/97)⁴⁰. Segundo esta lei, o museu consistia numa estrutura polinuclear distribuída por toda a região do Douro e fixado o âmbito temático do museu, que abarcasse a RDD em toda a sua diversidade cultural e natural [PEREIRA, 2004:25].

Este projeto não apontava para um museu no sentido tradicional da designação da museologia portuguesa, mas sim para uma estrutura de atribuições culturais mais amplas

³⁹ A ideia do museu de região já existia nos finais do século XIX, mesmo antes dos museus do colecionismo, surgindo no ano de 1836 através de uma circular régia na qual se determinou a criação nas capitais de distrito de uma biblioteca pública, um gabinete de raridade, tudo isto com funções pedagógicas, com a finalidade de construir uma identidade com fim de exaltar a comunidade local ou regional.

Contudo, só nos finais do século é que esta ideia deu frutos, na sequência de escavações arqueológicas e do espólio encontrado, sabendo que nesta altura estes museus tinham por base a arqueologia e a arte.

Foi na Primeira República que este conceito passou a integrar o discurso oficial do Estado, onde acabaria por sofrer alterações, principalmente na década de oitenta do século passado. Ocorreram diversas transformações, tanto no alargamento do conceito de património museológico, como na criação de novos museus, onde o apoio das autarquias e de empresas ajudaram direta ou indiretamente para a sua concretização. A partir deste momento, o museu não se limita ao edifício com um espaço que recebe exposições, mas sim um espaço, um território de influência através dos bens conservados. Este tipo de museus patenteiam-se como uma ferramenta cultural que se sente capaz de procurar e encontrar soluções para o desenvolvimento integrado de uma determinada comunidade.

⁴⁰ *Diário do governo*, nº 278 de 02 de Dezembro de 1997 ([Falta o site](#))

nas áreas da museografia, documentação, investigação e ação cultural, com a forte participação da comunidade.

Contudo, vários problemas surgiram e só em 2002 se concretizaram “*uma serie de ações que apresentaram o museu à região, procurando envolver as populações neste desígnio territorial*” [FRAUVRELLE, 2010:6], destacando a execução da exposição *Jardins Suspensos* em 2003, que originou uma recolha e tratamento de mais de 2000 objetos para a futura coleção do museu, bem como a elaboração de um programa museológico.

Com a viabilidade deste projeto e das variadas ideias propostas, o Ministério da Cultura em funções à data, materializa o seu apoio através da aquisição da antiga casa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, na Régua, para edifício sede do museu “*e também com a aprovação do modelo de gestão fundacional como modo de funcionamento a implementar, só foi efetivado em 2006 com a criação da Fundação Museu do Douro (decreto-lei 70/2006)*” [PEREIRA,2004:93].

O MD propõe um conceito museológico que se afasta da ideia tradicional numa estrutura centrada apenas no edifício, nas suas coleções e num público-alvo, para se instalar na RDD como uma estrutura polinuclear distribuída por toda a região, que implicaria a criação de vários núcleos “*não dependentes da sede, mas de diversas estruturas com tutelas diferenciadas que se une em rede com vista a congregar sinergias num projeto cultural comum, abrindo novas hipóteses de entendimento e valorização do potencial cultural da região*” [FRAUVRELLE; MARQUES, 2007:3].

S. João da Pesqueira, tal como outros concelhos⁴¹ da RDD, colaborou neste projeto, ficando com a temática do Vinho do Douro, depois de várias reuniões e discussões, sendo um tema agregador e querido por todos os intervenientes.

⁴¹ O território do Alto Douro Vinhateiro, área classificada, integra o vale do rio Douro, considerado Património Mundial nos seus extremos, nomeadamente o Porto e, no lado oposto, o Parque Arqueológico do Côa. Os treze concelhos que fazem parte da zona distinguida pela UNESCO são: Alijó, Armamar, Carrazeda de Ansiães, Lamego, Mesão Frio, Peso da Régua, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião, São João da Pesqueira, Tabuaço, Torre de Moncorvo, Vila Nova de Foz Côa e Vila Real, estendendo-se ao longo das encostas do rio Douro e dos seus afluentes, Varosa, Corgo, Távora, Torto e Pinhão [<http://www.douro-turismo.pt/patrimonio-mundial.php>] (06/11/2014 11:20);

Para além da construção do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira, dois núcleos projetados pelo MD já se encontram em funcionamento: o primeiro no concelho de Tabuaço – o MIDU⁴² – que faz referência à cultura imaterial no Douro, e o segundo situado em Favaios⁴³, no concelho de Alijó, que faz alusão ao Pão e ao Vinho de Favaios (vinho moscatel).

A construção de um museu dedicado ao Vinho sempre foi um grande desejo local, não só pela sua centralidade na RDD e do seu forte contributo na produção do vinho, mas também pela preservação do património material e imaterial. Esta homenagem ao produto que representa a atividade mais importante da região, seria porventura acompanhado por uma mais-valia económica.

Após um árduo processo, o protocolo entre o Município de S. João da Pesqueira e a Fundação do Museu do Douro foi assinado em Dezembro de 2009. Estava dado o primeiro passo para a sua construção. Tendo um intervalo de dois anos, em Abril de 2011 é celebrado o contrato entre o município e a comissão Diretiva do “ ON.2 – O Novo Norte” (Programa Operacional Regional do Norte) que garante o apoio⁴⁴ à criação do museu.

Depois de aberto o concurso e contratadas as empresas de construção e de arquitetura, são iniciadas as obras para a construção daquele que viria a ser o Museu do Vinho de S. João da Pesqueira.

Seguindo a lógica da nova museologia, o Museu do Vinho de S. João da Pesqueira, tendo a ideia de ser um museu de território servindo de instrumento primordial para o desenvolvimento, não possuiria “ *edifício, coleção, um público-alvo, mas sim um território, uma comunidade como ator e o património global como acervo*” [VARINE, 2007: 5].

De facto, um dos grandes objetivos deste museu será o de incutir nas pessoas a ideia de um “*património individual, um património familiar, um património de cada um*

⁴² Ver anexo IV, ilustração 12;

⁴³ Ver anexo IV, ilustração 13;

⁴⁴ A construção do Museu engloba um investimento que ultrapassa os três milhões de euros, sendo que, cerca de um milhão é compartilhado pelo município e aquisição do edifício para a sua construção e os restantes dois milhões são dados pela NO.2;

dos habitantes, dos cidadãos da região, (...) parte de um património coletivo que pode contribuir para o desenvolvimento”, o que permitirá que um “museu de território, um museu com o MVP, não seja uma criação artificial dos especialistas, mas basicamente uma criação coletiva de toda a gente que participa e que vai beneficiar do desenvolvimento da região” [VARINE, 2007: 3].

3.2.1 – Edifício

Inicialmente, a proposta do edifício para a construção do museu, teria como lugar a Praça da República⁴⁵, visto ser a zona histórica do concelho, onde se situa o Posto de Turismo, gozando de um belíssimo património arquitetónico. Contudo, esta ideia foi posta de parte, visto que teria de se proceder à destruição de edifícios de interesse municipal. Surgiu a sugestão de adquirir um antigo imóvel que pertencia a uma das mais abastadas famílias de S. João da Pesqueira, situada na avenida Marquês de Soveral, artéria principal de acesso à vila, estando ligado à estrada nacional 222⁴⁶.

Este projeto museológico procedeu a conjugação de dois imóveis em processo de classificação patrimonial de interesse municipal: um lagar e um armazém de vinho, construídos em 1990. Aqui ainda persistem os drenos dos lagares, os urinóis na parede e os regos nas prensas, detalhes de experiências seculares na “labuta”, passadas de geração em geração.

Contudo, estes edifícios foram adulterados com a construção de um supermercado⁴⁷, embora tivessem sido preservados os lagares e o armazém. No registo efetuado pelo município, verificaram-se quais os materiais existentes no seu interior observaram-se vários objetos, ainda em bom estado de conservação, que iriam fazer parte da exposição permanente do museu.

A proposta para o imóvel⁴⁸ foi desenvolvida, não como um objeto maciço e imponente, mas sim num estudo centrado na paisagem⁴⁹, recriando as inclinações de

⁴⁵ Ver anexo IV, ilustração 14;

⁴⁶ Ver anexo IV, ilustração 15;

⁴⁷ Ver anexo IV, ilustração 16;

⁴⁸ Ver anexo IV, ilustração 17;

⁴⁹ Temos vários exemplos de construção de edifícios centrados na paisagem e na região, como é o caso do MD, situado na antiga casa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que foi

grande acentuação visíveis no território, território este, construído pela natureza e pela mão humana do povo duriense.

É constituído por seis pisos, sendo os três primeiros destinados para o desenrolar da exposição permanente. No quarto piso, fora da área expositiva, situam-se vários equipamentos, com receção, salas de arrumo, escritórios e o serviço educativo. No quinto piso situa-se a loja de vinhos, sendo o último andar destinado a uma zona de lazer com música ambiente e bar.

Ligado ao imóvel principal do museu, encontra-se uma casa e um antigo armazém com dois pisos reaproveitados. No primeiro ficará o posto de turismo, transferido da Praça da República, e no segundo poder-se-ão desenvolver exposições temporárias, visto que o espaço tem uma dimensão considerável, por aqui se encontrarem lagares em ótimas condições de conservação e uma ala polivalente. A parte exterior apresentará uma área temática ajardinada, em complemento ao conteúdo do MVP.

Devido ao facto do edifício não possuir um historial e uma estrutura tão imponente quanto o do MD, este funcionou com um armazém de vinhos, onde se pisava a uva, se realizavam os processos de vinificação e o seu armazenamento para consumo próprio e para a realização de trocas comerciais, terá sido escolhido, também, pelo forte simbolismo ligado ao vinho da região do Douro, acima de outros ponderáveis.

3.2.2 - A coleção

A coleção é composta por diversos materiais dedicados à produção do vinho e a outras produções, como a amêndoa, o azeite, mel e cereais, cedidos sob empréstimo ou doação por parte dos produtores e particulares do concelho de S. João da Pesqueira.

Para a obtenção dos referidos materiais, realizou-se uma pesquisa pelo concelho, nomeadamente em torno dos proprietários de quintas, dos particulares que possuíam

reaproveitado e utilizado pela sua simbologia; o Museu do Côa que se assume na paisagem como um monólito tombado no desenho da paisagem, ou ainda, um exemplo internacional, o museu que está a ser construído – “*La cité des civilisation de Bordeaux*” – situado em Bordéus onde a construção arquitetónica representa a queda do vinho para copo [<http://www.citedescivilisationsduvin.com/accueil.html>] (12/02/2014 16:30);

coleções nas suas residências e ainda de outros particulares que demonstraram vontade em ceder algum objeto seu para futura exposição no museu.

Neste momento o MVP tem em sua posse mais de 100 objetos, recolhidos num curto espaço de tempo, onde cerca de 50⁵⁰ irão incorporar a exposição, ficando outros materiais reservados para eventuais exposições temporárias.

Mas, para além dos materiais recolhidos, o MVP possui também uma coleção fotográfica plena de interesse histórico, facultada pela população. Esta coleção demonstra as alterações na paisagem ao longo dos tempos, a forma como o trabalho diário era realizado, o fabrico do vinho usando matérias que as gerações mais recentes desconhecem... ou seja, uma série de dicotomias contrastantes com a atualidade.

Contudo, nem só com objetos se constrói uma exposição. Estas coleções nunca teriam sido encontradas e selecionadas caso o contributo da comunidade não tivesse existido, enriquecida com o “saber-fazer”, com a participação do seu património material e imaterial no desenvolvimento do território.

É de destacar que, na recolha dos materiais, os populares partilhavam histórias alheios à importância fundamental que tiveram na realização deste projeto sendo que, utilizando as palavras de Hugues Varine, é na “*comunidade menos escolarizada que se encontram os responsáveis pela transmissão não só das tradições e da memória, pois cada pessoa é um museu vivo, um museu ativo responsável pela cultura viva de uma população*” [VARINE, 2007: 6-7].

3.2.3 – Exposição – MVP

A Exposição Permanente do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira irá ocupar três pisos (piso 0, 1 e 2) do edifício principal.

⁵⁰ Ver anexo IV, ilustração 18;

Após a área destinada à recepção, o decurso museológico iniciar-se-á pela história do território da RDD e de S. João da Pesqueira de uma forma cronológica, apontando os acontecimentos mais importantes encaixados dentro de um de túnel⁵¹.

Na sua saída, encontramos uma peça característica do passado de S. João da Pesqueira, principalmente nas freguesias de Vale Figueira e Vilarouco, chamada de atafona de sumagre⁵², visto que a planta de sumagre, esmagada por este instrumento⁵³, teve um papel preponderante na economia até ao século XVIII [HENRIQUES et al., 2012: 59-62].

Ao entrar definitivamente no grande espaço do piso 0⁵⁴, iremos deparar-nos com uma série de painéis alusivos às características da imponente paisagem de S. João da Pesqueira, da linha de caminho-de-ferro, do rio Douro como a via privilegiada de escoamento de produções, com forte destaque para o vinho, do progresso das técnicas de navegação nas zonas de turbulência como o Cachão da Valeira, finalizando na indicação da possível origem do topónimo⁵⁵ de S. João da Pesqueira.

Ainda nesta área expositiva, podemos visualizar objetos relacionados com o transporte do vinho⁵⁶. Neste caso, um carro de bois, e outros alusivos ao fabrico do vinho e ao seu armazenamento. Por último, um local onde se destacam as referências às outras culturas exploradas pela população de S. João da Pesqueira, como o azeite, a amêndoa, o cereal, o mel e as frutas.

⁵¹ Ver anexo IV, ilustração 19;

⁵² O sumagre (*Rhus coriária L.*) foi uma planta bastante importante por terras durienses. O seu aproveitamento fazia-se, sobretudo ao nível das folhas e ramos jovens.

As folhas depois de secas e trituradas em pó constituíam um produto muito procurado e utilizado em curtumes, tinturaria e na medicina tradicional pelo seu poder adstringente.

Esta peça foi descoberta na freguesia de Vale Figueira em bom estado de conservação e esteve em laboração até aos inícios do século XX, persistindo na memória dos locais o envio do pó ensacado para o Porto;

⁵³ Ver anexo IV, ilustração 20;

⁵⁴ Ver anexo IV, ilustração 21;

⁵⁵ S. João da Pesqueira terá surgido de uma póvoa de pescadores, situada ao cachão da Valeira, local de pesca abundante, associando o topónimo Pesqueira à arte da pesca;

⁵⁶ Como curiosidade, em S. João da Pesqueira os barcos rabelos eram comuns, como em toda a região duriense, mas apesar de três meses de busca e após várias pesquisas, não foram encontrados quaisquer vestígios desses barcos na região.

É de destacar que este piso possui uma mesa interativa com todos os dados dos produtores e quintas, recolhidos durante o estágio, para que o visitante possa obter informações detalhadas e atualizadas acerca das propriedades, dos vinhos e da expansão do enoturismo nesta região.

Finalizando, a visita ao piso 0 conta também com projeções de várias entrevistas a entidades locais e fotografias respeitantes à paisagem, com as diferentes culturas.

O piso 1⁵⁷ é apelidado como “a paisagem da vinha”, relevando as videiras na modelação do espaço, desenhando a paisagem. Ao longo do ano, a perceção da paisagem altera-se com as transformações do ciclo vegetativo. É de realçar que as videiras não são todas iguais, existindo uma grande variedade de castas, o que constitui um importante património genético da região.

Ao entramos nesta área, encontramos uma zona interativa no chão e nas paredes com as castas mais representativas⁵⁸ em S. João da Pesqueira, permitindo ao visitante perceber que tipo de videiras são plantadas e que uvas e vinhos consumir, elucidando à variedade de aromas e sabores passíveis de ser degustados.

Se por um lado as videiras são importantes, a construção da paisagem para o seu plantio também se torna um componente relevante. Assim, a exposição em painéis permite perceber a forma como se constrói numa região marcada pelo seu relevo acentuado, em vales encaixados e com solos de xisto de diferentes durezas, cuja estrutura cascalhenta é essencial para a qualidade dos vinhos.

Durante o percurso por estes painéis com imagens referentes à construção do terreno, encontramos duas formas de armação diferentes: as formas tradicionais⁵⁹,

⁵⁷ Ver anexo IV, ilustração 22;

⁵⁸ Casta é o nome que se dá ao tipo de videira plantada. É esta que confere ao vinho as tais características marcantes que conhecemos no Vinho do Porto e no Vinho do Douro;

Existem quase noventa variedades de castas tintas e brancas, das quais vinte e nove são recomendadas para plantio na região, devido às condições climáticas., mas apenas cinco destas estão classificadas como as melhores, ou seja, a Touriga Nacional, Touriga Francesa, Tinto Cão, Tinta Roriz, Tinta Barroca, referenciadas com maior destaque na exposição [VASCONCELOS, 1982].

⁵⁹ A armação pré-filoxera foi utilizada até à segunda metade do século XIX formada através de construções toscas, de traçados estreitos, tendo apenas uma ou duas fiadas de vinha; já a armação pós-filoxera foi adaptada depois do ataque da doença da vinha (filoxera) apresentando o uso do americano. Aqui realizam-se surribas mais fundas formando traçados mais largos aumentando o número de fiadas de vinha.

divididas em armação pré filoxera e em armação pós-filoxera; e as formas contemporâneas⁶⁰, repartidas pela armação em patamares e em armação ao alto.

Ainda neste piso, é abordada a temática dos trabalhos realizados para a produção da uva, com a exibição de uma imagem e o objeto utilizado para o fim referente. São descritos os seguintes trabalhos: a poda, que consiste em retirar a vide velha para a reconstituição da nova; a erguida, que se segue à poda e consiste em atar a vide em crescimento a uma estrutura de arame; o combate das pragas, utilizando os produtos fitofármacos (enxofre, sulfato); e a lavragem, que possibilita a retenção de água no solo.

Contudo, nesta exposição não são referidos trabalhos importantes na vinha, como por exemplo, o atar dos pampos, um procedimento que serve para a “videira renascida” ou enxertada, não partir, bem como, a enrola das pontas das videiras. Todos estes processos culminam na vindima, realizada em Setembro.

Concluída esta temática, passamos para o piso 2⁶¹ denominado por “ Lugares do Vinho”, onde se procura explicar, de uma forma sucinta, o ciclo da vinha.

Aqui se começa por esclarecer que a produção do vinho se inicia com a vindima, seguindo-se o transporte das uvas para o lagar, onde sofrem o processo de fermentação⁶² levando à libertação dos aromas e taninos. Após este processo, ocorre o armazenamento em barricas de madeira ou inox para envelhecer e repousar, realizando-se a trasfega para a limpeza do vinho e análise laboratorial do mesmo, com vista ao controlo de qualidade.

Em termos de transporte, este era inicialmente feito com recurso aos barcos rabelos, com destino a Gaia, submetidos aos já citados perigos que o rio apresentava. Com a chegada do caminho-de-ferro, torna-se mais simples e seguro o escoamento do vinho. Com o desenvolvimento da rede rodoviária, o transporte passou a ser assegurado por

⁶⁰ As armações contemporâneas foram introduzidas devido à escassez de mão-de-obra e à nova fase de mecanização que surgira no Douro.

A armação em patamares é sustentada por taludes de terra desenhados de acordo com as características do terreno, permitindo a entrada do trator na vinha; a armação ao alto permite um maior aproveitamento do terreno colocando as fiadas de videiras na vertical;

⁶¹ Ver anexo IV, ilustração 23;

⁶² Existem dois tipos de fermentação: no caso do vinho do DOC, o processo termina quando todo o açúcar se torna em álcool; no caso do vinho do Porto, a fortificação é preservada pela adição de água ardente vínica, preservando a doçura da uva.

veículos pesados de mercadorias, o que determinou a extinção do transporte tradicional nos anos de 1960.

Ainda nesta área expositiva, será colocado uma explicação dos diferentes tipos de vinhos produzidos na região duriense, tentando esquematizar para o visitante os diversos estilos e classificação dada aos vinhos do Porto, como também aos vinhos DOC.

Para concluir a exposição, no edifício principal irá ser instalado um placar com a explicação de uma correta leitura de um rótulo⁶³, permitindo ao visitante/consumidor uma escolha consciente na hora da compra, não se fixando exclusivamente na vertente estética dos rótulos apresentados. Para finalizar a visita, o visitante terá acesso a mesas interativas com os rótulos dos produtores, fazendo assim a sua leitura e apreciando a criatividade e beleza de cada um.

Por todo o espaço expositivo existirão vários depoimentos de viticultores, enólogos e agrónomos, explicando os processos do quotidiano da vinha, bem como o depoimento de anónimos com vista ao enriquecimento de toda a exposição.

3.2.4 – A Gestão do Museu

O Museu do Vinho de S. João da Pesqueira, tal como foi mencionado anteriormente, seguiu a lei de criação do MD, onde foi afirmado que cada direção do *“museu ficaria a cargo da própria autarquia, responsável por criar um programa adequado não só da temática, como as dinâmicas do próprio concelho no sentido de envolver a comunidade, participando com os seu objetos e as suas memórias na valorização do património regional”* [FRAUVRELLE: MARQUES: 2007:5].

Assim, apelidado como um museu da comunidade, encontra-se sob a tutela da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, de acordo com a Lei Base nº 159/99 de 14 de Setembro⁶⁴, e a Lei Base do Diário da República, 2ª série – Nº 19 de janeiro de 2013⁶⁵,

⁶³ Ver anexo IV, ilustração 24;

⁶⁴ Ver anexo I, legislação 1;

⁶⁵ Ver anexo I, legislação 2;

onde é referido que o município terá de garantir a realização de todo o tipo de investimentos e trabalhos dos museus municipais, onde se inclui o MVP.

Tendo um museu um carácter institucional, este tem que ser provido de uma missão, de uma visão de e valores para a existência de uma boa gestão, garantindo um serviço de melhor qualidade aliciando a visita do público.

O MVP terá de ter uma visão de desenvolvimento e persistência com valores assentes na criatividade, na atratividade, na investigação, levando assim o nome de S. João da Pesqueira e do museu para lá dos seus limites geográficos. Posto isto, a sua missão será:

- 1) Desenvolver uma programação qualificada, assente num programa cultural e num plano de comunicação;
- 2) Criar programas educativos e científicos qualificados que promovam a divulgação e o fácil acesso, para diferentes públicos, à informação produzida;
- 3) Definir uma estratégia de captação de vários públicos, mecenatos, patrocínios e apoios junto de diferentes entidades públicas e privadas;
- 4) Preservar, estudar e interpretar o património duriense e as suas diferentes dimensões culturais e naturais;
- 5) Motivar a participação e envolvimento ativo da comunidade;

Como tal, o MVP necessita de um regulamento pelo qual se reja, seguindo os princípios do município, como a Lei-Quadro dos Museus⁶⁶.

Partindo desta ideia, o museu terá de desenvolver a gestão do seu acervo, tendo em atenção a preservação dos objetos que já se encontram à sua disposição e continuar a construí-lo todos os dias, pondo em prática a sua investigação; a elaboração do devido inventário, informatizando-o; a verificação das políticas de incorporação, bem como dos empréstimos feitos; a aplicação das medidas de conservação e segurança.

Com efeito, esta instituição tem de dispor, para desenvolver uma boa administração, de um quadro de recursos humanos capaz e habilitado para a execução e coordenação de todos os serviços que o museu possui, bem como todas as funções museológicas.

⁶⁶ Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto - *Diário da República*, I SÉRIE – A Nº 195 – 19 de Agosto de 2004 (falta o site)

Para além da formação profissional, o museu necessitará de recursos financeiros e tecnológicos para atingir os patamares ideias a que se propõe. Os recursos financeiros que o museu irá dispor serão o montante obtido pelas taxas de ingresso, vendas na loja e no bar, serviços situados no piso 5 e 6, cedência de espaços para algum evento (como a apresentação de um livro), mecenato e possíveis donativos.

No que toca aos recursos tecnológicos, este museu possui um alto nível de tecnologia e interatividade, pois é detentor de vários serviços de acesso aos conteúdos da exposição, de computadores, de sistema de iluminação e de controlo de condições ambientais e de segurança (videovigilância). Encontra-se também em fase de desenvolvimento um website (www.mvjsp.pt), onde constarão todas as informações pertinentes relativas ao MVP.

Existem outras questões a ser realçadas, no que concerne ao acesso do público aos espaços do museu, existindo um horário de funcionamento programado de segunda-feira a sexta-feira, das 10h00 até às 13h00 e das 14h30 até às 18h30; durante o fim-de-semana o horário será das 14h30 às 18h30. Os ingressos terão um custo de 5€ efetuando o registo dos visitantes, para dados estatísticos, e será ainda prestado o apoio a todo o público, com informações relativas às regras da visita, bem como às suas restrições.

Os serviços de divulgação estão a ser desencadeados através da criação de *flyers*, cartazes, pequenas brochuras e o catálogo da exposição.

No que respeita aos Serviços Educativos, o museu tentará proporcionar um programa educacional promotor de atividades que contribuam para o acesso ao património e manifestações culturais e para a cooperação com as escolas. Para isto, são essenciais a definição de planos específicos e o estabelecimento de instrumentos de avaliação da receptividade dos alunos, bem como a criação de programas articulados com as políticas públicas respeitantes às famílias, à juventude, à população portadora de deficiência e ao turismo.

Teremos de ter em conta que todos estes serviços foram programados de uma forma teórica, estando a validação dos mesmos sujeita às circunstâncias presentes no momento inicial das funções às quais está destinado.

Capítulo 4 – Desafios Museológicos

“O que conta não é o que Museu tem, mas o que pode fazer com aquilo que tem”

[MENDES, José: 1999:668]

O MVP, como ao longo do texto tem sido invocado, tentará instalar-se no seu espaço de ação (região do S. João da Pesqueira e da RDD), inserindo no seu âmbito de estudo e investigação não só as coleções em sua posse, mas também todo o património material e imaterial. Isto visará a procura constante da preservação da memória dos objetos e de quem os utilizou no passado.

O seu grande objetivo será o diálogo com a comunidade local, bem como com os seus visitantes, pois este deverá ser um lugar de aprendizagem, de conforto, experimentação e debate.

Na verdade, podemos dizer que há uma articulação da comunidade com o museu, o que evidencia um ponto forte no projeto museológico. Contudo, irão existir várias fragilidades, tanto externas, devido à falta de apoio ao nível da cultura, como internas, inerentes ao funcionamento de qualquer serviço.

Neste capítulo irão ser propostos alguns desafios, que poderão ser tidos em conta após a abertura do MVP.

Como exemplo de alguns destes desafios, o Museu do Vinho deveria elaborar um programa anual de atividades ligadas não só ao território de S. João da Pesqueira, mas também à abertura de horizontes e exploração das temáticas do vinho e de outras culturas ao nível nacional e internacional.

O plano de atividade deveria englobar exposições temporárias, algo que ainda não foi programado, o que considero uma falha enorme, no plano da gestão. Poderiam ser organizadas várias exposições ligadas às outras culturas produzidas em S. João da Pesqueira, visto que estas temáticas apenas serão abordadas na exposição permanente de uma forma superficial.

Portanto, poderíamos pensar numa exposição temporária com o tema “As Culturas do Douro”, que numa primeira abordagem seria realizada com o tema da “Amêndoa”,

visto que a inauguração do museu está prevista para o mês de Dezembro. Seria possível e de grande interesse, desenvolver esta temática nos meses de Março/Abril, pois é nesta altura que a paisagem de S. João da Pesqueira se torna num “jardim”⁶⁷, devido às amendoeiras em flor⁶⁸. Mais tarde seriam concretizadas as exposições referentes a outras culturas, como a do azeite, do mel, dos cereais, da cortiça e dos vários tipos de fruta ali produzidos.

Uma outra temática expositiva poderia ser apelidada como “ As Demarcações do Mundo”, explorando e investigando todas as zonas demarcadas espalhadas pelo mundo⁶⁹, tentando tornar o MVP num museu mais alargado e, quiçá, levar a exposição a outros países e a outros museus regionais e nacionais, ligados à produção de vinho. Esta ideia poderia trazer um incremento substancial ao número de visitantes do MVP.

Para além de exposições temporárias, o plano de atividades deveria conter programas para o crescimento do turismo e do enoturismo, fatores de grande potencial para o desenvolvimento económico e turístico desta região.

Assim sendo, poderiam ser criados protocolos com os produtores de S. João da Pesqueira, para a realização de roteiros paisagísticos e degustativos, pelas quintas dos próprios. Isto tornaria o museu numa “ponte” para toda a região, levando o visitante ao museu, bem como, ao coração onde tudo acontece, potenciando o enoturismo do concelho.

Não pode ser ignorado o facto de que o edifício do museu terá uma loja de vinhos e uma sala de provas. Novamente, com a ajuda da população produtora, poderiam existir negociações razoáveis na cedência dos seus vinhos para estes serviços. Simultaneamente, estes e outras entidades⁷⁰, poderiam organizar *workshops* referentes ao vinho, ao uso deste na culinária, à forma de pisar o vinho no lagar, à prova do vinho, entre outras

⁶⁷ Ver anexo IV, ilustração 25;

⁶⁸ Seria de extrema importância iniciar o tema – As culturas do Douro – pela temática da Amêndoa, não só pela beleza das amendoeiras nesta época, mas também pelos festejos realizados no concelho por três fins de semanas consecutivos dando destaque a esta cultura, organizando ainda roteiros pedestres pelo concelho.

⁶⁹ Esta temática está a em fase de concretização pelo museu de Bordéus, ainda em construção, com o nome de “ *Cité des civilisations du vin*” onde na amostra do projeto fazem uma caracterização das regiões vitícolas demarcadas.

⁷⁰ Enólogos, agrónomos, Engenheiros agrícolas e entidades ligadas à Casa do Douro, IVDP,UTAD.

possibilidades. Seria permitido ao visitante, desta maneira, perceber as várias potencialidades deste produto, como também, aprender a apreciá-lo tendo em conta as suas preferências pessoais.

Para além destas atividades no museu, seria também importante criar atividades desportivas no rio Douro, visitas pedestres utilizando as várias rotas⁷¹ existentes no concelho, bem como a criação de um novo roteiro turístico, usando os miradouros⁷² que se encontram ao longo de toda a paisagem da região.

Tal como foi referido anteriormente, o museu possui um edifício anexo com lagares em bom estado de conservação. Assim, durante a época de vindimas e de grandes festejos no concelho de S. João da Pesqueira⁷³, poderiam ser organizados um conjunto de fins-de-semana criativos de “lagaradas”, onde os próprios visitantes poderiam participar, pisando as uvas, assistindo e dançando, ao toque da música típica da região, de modo a transmitir todo o enquadramento destas festividades.

Ao nível do serviço educativo, o museu deverá oferecer programa de atividades apropriado, de modo a incentivar os mais jovens a conhecer e a preservar o seu património. Para isto seria fundamental criar, juntamente com as escolas, parcerias com o MD e outros museus da RDD: *workshops*, visitas de estudo, oficinas sazonais..., em suma, atividades que suscitem curiosidades nas temáticas da região e proporcionando ao público infantil, diversas formas de explorar o Douro.

⁷¹ S. João da Pesqueira possui cinco rotas no seu plano turístico: GR14 – Rota dos vinhos da Europa; PR1 – Rota dos castanheiros; PR2 – Rota das vinhas; PR3 – Rota das amendoeiras e, por fim, PR4 – Rota das oliveiras [<http://www.sjpesqueira.pt/pages/299>] (21/10/2014 10:30);

⁷² Este concelho é detentor de quinze maravilhosos miradouros que podem ser consultados no Posto de Turismo de S. João da Pesqueira, bem como no seu *site* [<http://www.sjpesqueira.pt/pages/265>] (21/10/2014 10:45);

⁷³ Desde 1993, o concelho de S. João da Pesqueira organiza uma festa alusiva às vindimas denominada VINDOURO, Festa Pombalina – onde se reúnem vários produtores da região, onde são apresentados os mais recentes lançamentos e rótulos emblemáticos em prova livre, bem como a organização de diversas conferências sobre esta temática. Já no centro da vila existem recriações históricas do século XVIII, com principal destaque para o desfile pombalino, missa das vindimas e o leilão de vinhos generosos chefiado pelo “Marquês de Pombal”. Todos os anos, o concelho conta com a presença de vários especialistas e de potenciais investidores neste setor.

Não esquecendo a população idosa, o museu poderia desenvolver visitas guiadas, deixando no final um placar de sugestões/ideias a serem desenvolvidas posteriormente, aproveitando desta forma a sabedoria e a experiência presentes nesta faixa etária.

No que toca à população portadora de deficiência, dado o exemplo dos invisuais, poderiam ser criadas pequenas palestras e oficinas experimentais de como analisar um vinho, pois através do aroma poderão descrever, tal como a generalidade da população, as características de um determinado vinho. Seria também dada a possibilidade de tocar em certos objetos proporcionando uma visita agradável, que levaria à expansão e consolidação dos seus conhecimentos.

Na verdade, e estando numa das mais belas regiões do mundo, um trecho da paisagem, uma quinta, uma aldeia, um prato típico, um saber-fazer, uma memória, tudo isto constitui matéria passível de ser interpretada e apresentada ao visitante. Cabe ao MVP tentar explorar e expor ao visitante, do mais novo até ao mais idoso, através de diferentes atividades aliciantes e que propiciem a participação, fazer a sua divulgação por diversos meios de informação como folhetos, novas tecnologias, utilizando o *site* do museu, livros etc.

Estes são apenas alguns desafios propostos ao MVP que poderão ser incluídos no seu programa anual de atividades, virado para a convivência, com um papel empreendedor de uma empresa de carácter comunitário. Deste modo, o museu não será apenas um edifício para expor objetos, mas sim um meio para oferecer à população um marco na história em construção, servindo de motor para iniciativas locais, individuais ou coletivas.

Considerações Finais

O presente trabalho constitui o produto final de um período de estágio numa instituição pública com um projeto iniciado em Dezembro de 2013 para a construção de um Museu do Vinho.

O município de S. João da Pesqueira, com o desenvolvimento da construção do MVP, trouxe-me um maior conhecimento na minha área de formação, proporcionando-me uma experiência profissional positiva, embora me tenha deparado com algumas dificuldades.

Analisando toda a linha de montagem deste museu, é por mim constatado que, mesmo possuindo um riquíssimo historial a todos os níveis, ainda se encontra numa fase embrionária no mundo da museologia. Terá por isto, um longo caminho a percorrer. Existem vários problemas relacionados com a sua gestão, esperando no entanto que sejam ultrapassados, em tempo útil.

No último capítulo deste relatório foram por mim deixados alguns apontamentos passíveis de vir a ser desenvolvidas no MVP, pois é essencial a apresentação de um bom programa de atividades, conjugado com a comunidade, um dos pilares deste projeto. Sem recursos humanos e financeiros, experiência, sem o apoio municipal, e sem recursos tecnológicos que promovam a interatividade do museu, este não conseguirá, na íntegra, cumprir o seu desiderato.

Contudo, penso que com o passar do tempo, existirá uma evolução. A partir da sua divulgação e parcerias que poderão ser criadas, o *feedback* irá ter eco nos órgãos de gestão do Museu.

Pese embora todas as situações enumeradas, o trabalho por mim realizado foi de extrema importância para a aprendizagem enquanto futura museóloga. Colaborar num projeto deste carácter ensinou-me a lidar com várias situações positivas e negativas, tendo de encontrar soluções para uma profissional resolução de certas situações que me foram deparadas.

Acompanhar este projeto museológico desde a sua origem até à sua fase de acabamento, procurando em cada freguesia deste concelho, em cada pessoa, o seu espólio,

fosse ele material ou imaterial, foi uma experiência muito gratificante, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

Durante este período de estágio foi-me ainda dada a oportunidade de realizar duas formações que enriqueceram a minha formação. A primeira na área da análise de vinhos, e a outra na conservação e restauro de peças, proporcionada pelo Museu do Douro.

Terminado o estágio pude observar que os desafios colocados foram cumpridos, visto que consegui ser o elo de ligação entre a museologia e a autarquia, propondo a discussão acerca de assuntos relacionados com a metodologia de trabalhos, bem como integrar todos os trabalhos de campo e práticos desenvolvidos.

O concelho de S. João da Pesqueira –“ Coração do Douro Vinhateiro⁷⁴” – encontra-se integrado no chamado Alto Douro Vinhateiro. Ao longo dos tempos, esta região tornou-se ela própria num museu vivo, onde quem o visita, fica rendido à sua paisagem, ao seu vinho, à sua vivência. Por isso esperamos, no seguimento de todos os esforços desenvolvidos, que o sentimento transmitido pela região possa ser proporcionado também no MVP, bem como na vila de S. João da Pesqueira.

⁷⁴ Ver anexo IV, ilustração 26.

Anexos I

Legislação 1

Lei nº 159/99 de 14 de Setembro

“ Estabelece o quadro de transferência de atribuições e competências para as autarquias locais.

Capítulo III – Delimitação das atribuições e competências em geral

Artigo 13º – Atribuições dos municípios

1- Os municípios dispõem de atribuições nos seguintes domínios:

e) Património, cultura e ciências.

Artigo 20º - Património, cultura e ciência

1- É da competência dos órgãos municipais o planeamento, a gestão e realização de investimentos públicos nos seguintes domínios:

a) Centros de cultura, centros de ciência, bibliotecas, teatros e museus municipais;

2 - É igualmente da competência dos órgãos municipais:

c) Participar, mediante a celebração de protocolos com entidades públicas, particulares ou cooperativas, na conservação e recuperação do património e das áreas classificadas;

d) Organizar e manter atualizado um inventário do património cultural, urbanístico e paisagístico existente na área d município;

e) Gerir museus, edifícios e sítios classificados, nos termos a definir por lei;”

Bibliografia: “ *Diário da República, I SÉRIE – A Nº 215 – 14-9-1999*” (**Falta o site**)

Legislação 2

Município de São João da Pesqueira - Deliberação nº 229/2013

“Capítulo IV – Estrutura Organizacional

Artigo 15º - Estrutura Flexível

2- Serviços Municipais:

a) Serviço municipal de Bibliotecas, Arquivos e Museus.

Capítulo V – Unidades orgânicas flexíveis

Secção III – Serviços Municipais

Artigo 20º - Serviço Municipal de Bibliotecas, Arquivos e Museus.

1- O serviço Municipal de Bibliotecas, Arquivos e Museus, diretamente dependente do Presidente da Câmara Municipal ou do Vereador com competência delegada é coordenado por um dirigente intermedio de 3º grau, ao qual compete orientar e zelar pelo seu normal funcionamento e tem, entre outras, como atribuições:

k) Promover a gestão dos museus municipais, assegurando a conservação e segurança de todos os bens culturais sob a sua alçada;

l) Promover investigação, caracterização, conservação e divulgação das coleções museológicas;

m) Gerir as instalações e equipamentos de apoio aos museus da autarquia ou sob responsabilidade da autarquia, maximizando a sua utilização e providenciando a sua conservação e limpeza;

n) Cooperar com os núcleos museológicos da região, integrados no Museu do Douro, na divulgação de coleções museológicas;

o) Avaliar o interesse do município na aceitação de doações, heranças e legados, no âmbito da sua competência.

Bibliografia: “ *Diário da República*, 2ª série – Nº 19 – 28 de janeiro de 2013” (falta o site)

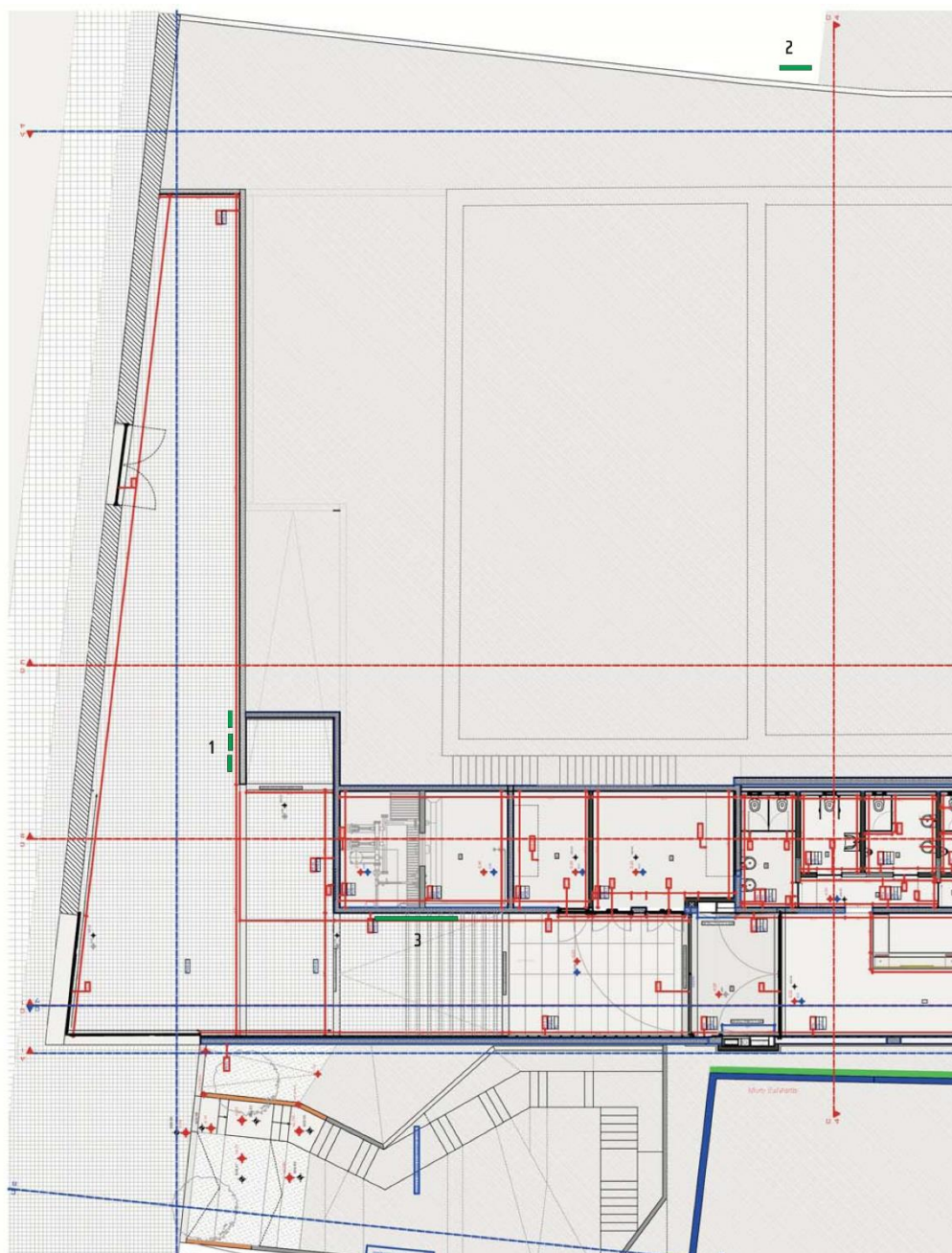
Anexos II

Tabela 1: Análise SWOT

<u>Pontes Fortes</u>	<u>Oportunidades</u>
Características de uma paisagem singular;	Turismo Fluvial Fabuloso;
Capacidade de acolher diferentes públicos;	Dinâmica do Alto Douro;
Localização estratégica, devido ao fato, de o MVP se encontrar entre dois museus de referência na região (Côa e Douro).	Aumento do Enoturismo e Turismo da Região.
Inserção no “coração” do Alto Douro Vinhateiro, classificado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade.	Notoriedade e visibilidade das marcas de vinho da região de São João da Pesqueira.
Valências do museu (loja, wine bar, sala de prova de vinhos).	Ligações e colaborações com outros museus.
Interatividade da exposição permanente.	
Colaboração da população de São João da Pesqueira na conceção do museu.	
Cultura material e imaterial de grande importância na região.	
<u>Pontos Fracos</u>	<u>Ameaças</u>
Fracos recursos humanos.	Escassez de estruturas turísticas.
Plano de atividades incompleto.	Isolamento da Região (interior).
Não possui exposições temporárias.	Fracas acessibilidades.
Inexistência de parque de estacionamento	
Ausência de áudio guias.	
Orçamento reduzido.	

Anexos III

Documento 1 – Maquete do MVP - exterior e recepção.

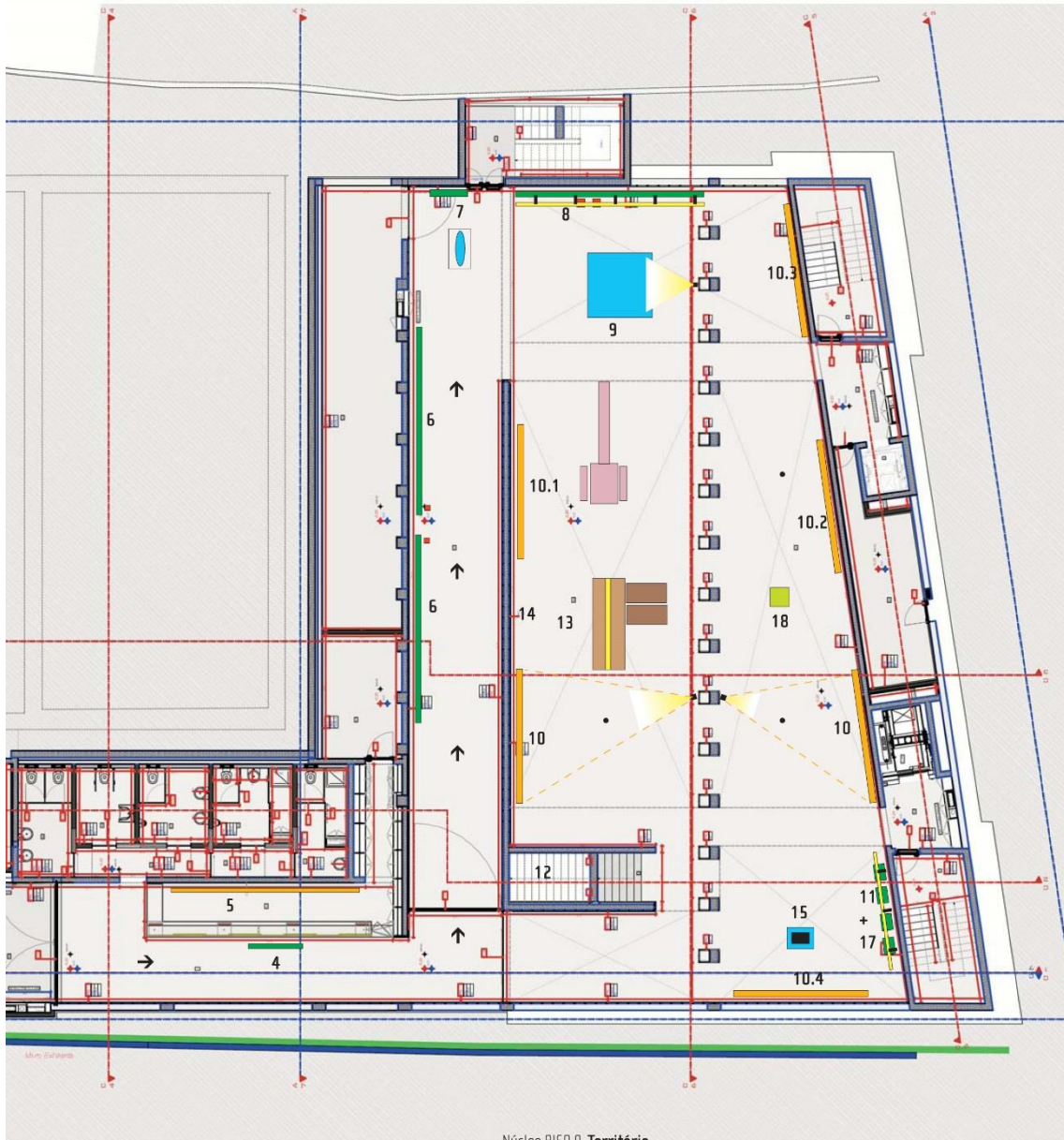


Exterior, acesso

1. 3 Lonas exteriores
2. Lona, porta do Bar
3. Logo em relevo em madeira na empena do edifício

Implantação: Museu do Vinho / S. João da Pesqueira - Exterior
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

Documento 2 - Maquete do MVP – Piso 0.

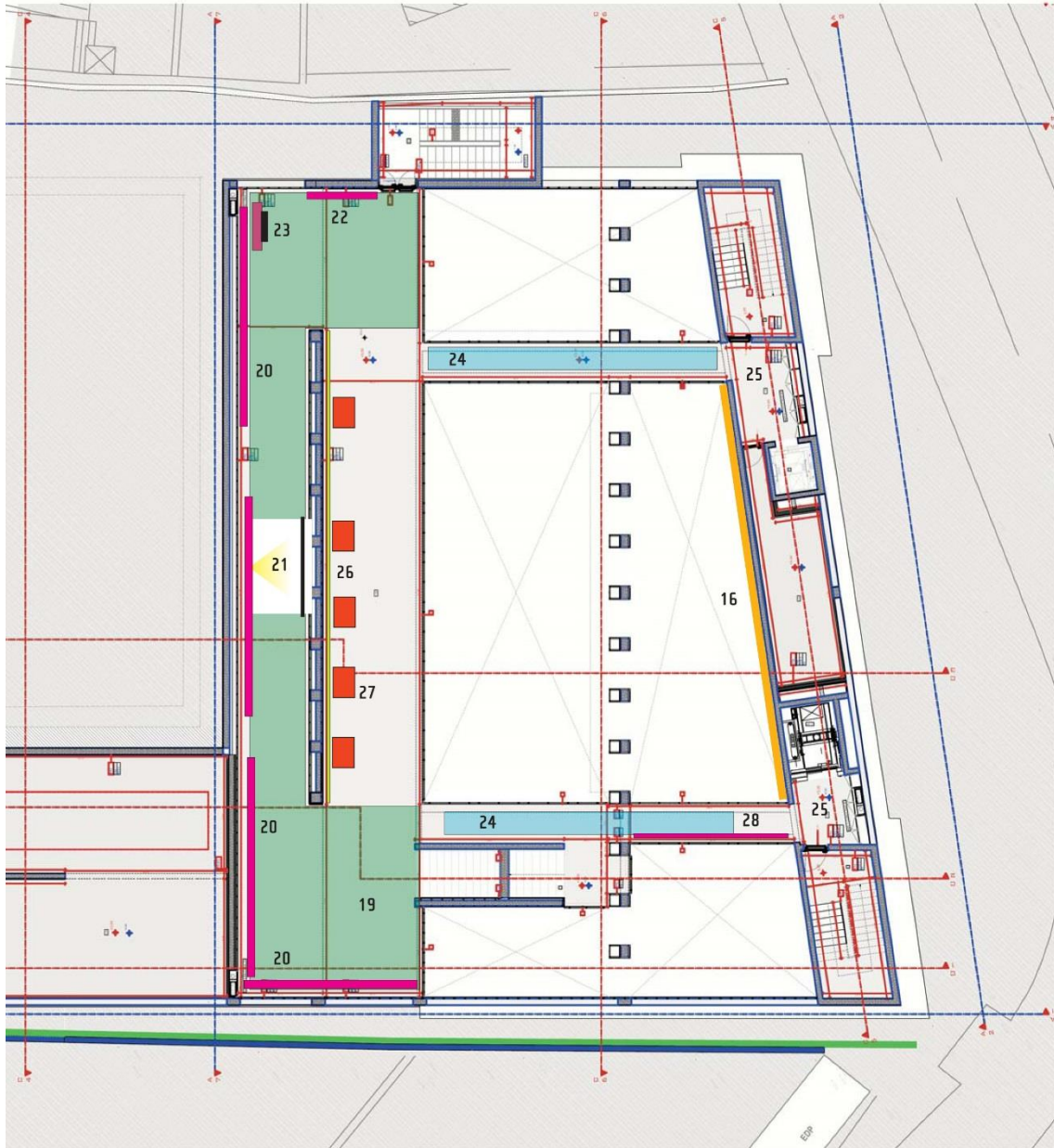


Núcleo PISO 0. Território

4. Logo recortado em madeira
5. Painel/tecido, recepção
6. Telas com perfil F
7. Rela com perfil F + estrutura de ferro para a Atafona (em pé)
8. Tela em perfil F
9. Estrado em MDF para projecção vertical
10. Estruturas, caixas de luz com tecidos backlight (2 dessas com tecido para projecção)
11. Conjunto de letras recortadas em relevo
12. frases pintadas sobre o cimento
13. Instalação em ferro, madeira e vidro iluminado com leed pelo friso superior do vidro + campânulas para objectos
14. cabos para suportar redes
15. Mesa interactiva em MDF ladaco com texto acoplado
17. Parede/instalação com pelintes incorporados e com luz na base da prateleira

Implantação: Museu do Vinho / S. João da Pesqueira - Recepção e Piso 0
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

Documento 3 - Maquete do MVP – Piso 1.

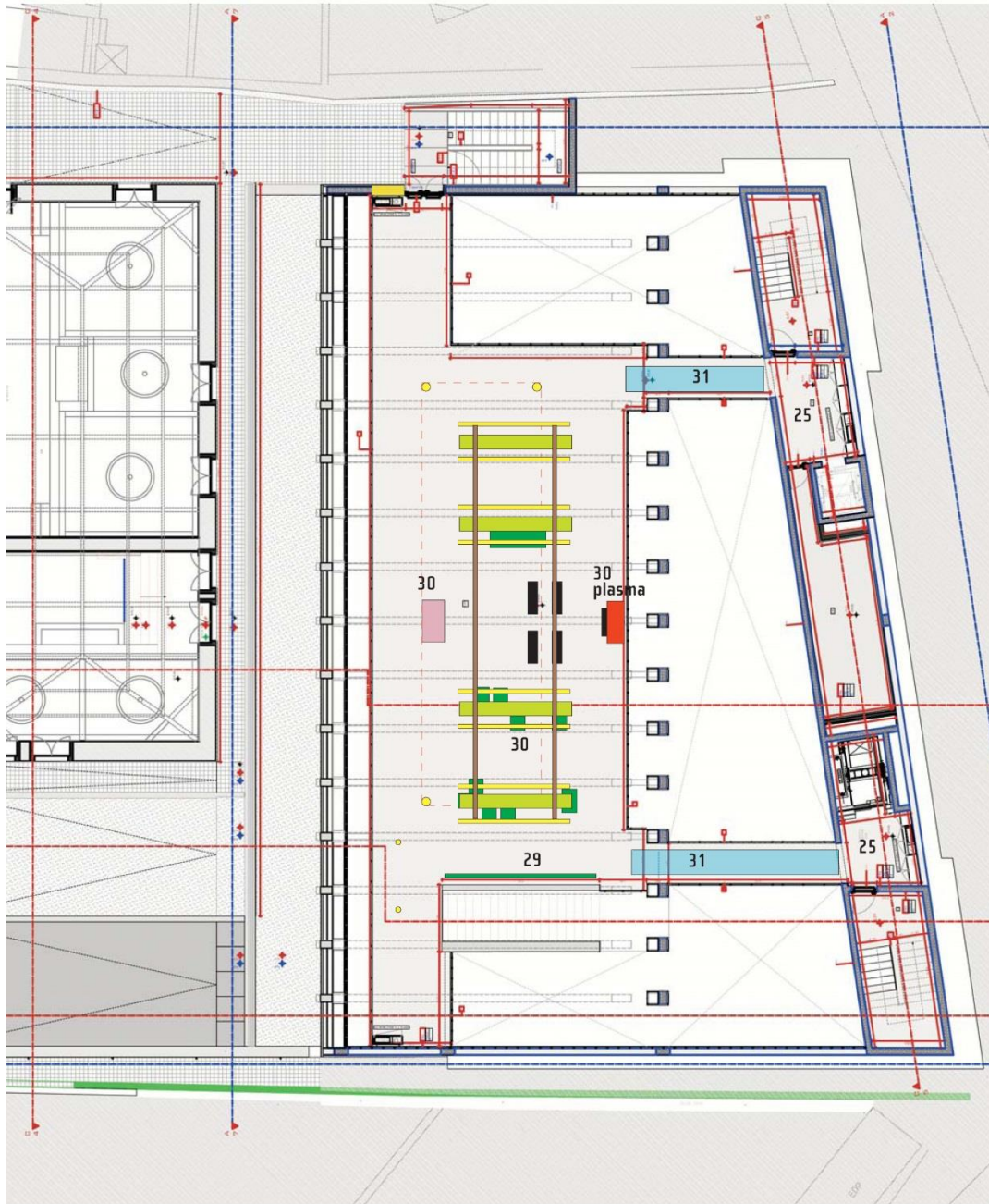


Núcleo: PISO 1. **Vinha**

- 16. Tecido em perfil F
- 19. Linóleo Chão, impresso
- 20. Tecidos em Perfil F
- 21. Tecido para projecção
- 22. Tecido em Perfil F
- 23. Suporte[móvel] para ecrã interactivo
- 24. Frases no passadiço
- 25. Frases pintadas no cimento
- 26. Tecido em Perfil F
- 27. Pelintes iluminados na base + campânulas para objectos
- 28. Tecido em perfil F

Implantação: Museu do Vinho / S. João da Pesqueira -Piso 1
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

Documento 4 - Maquete do MVP – Piso 2.



Núcleo: Piso 2. Vinho

25. Frases pintadas no cimento

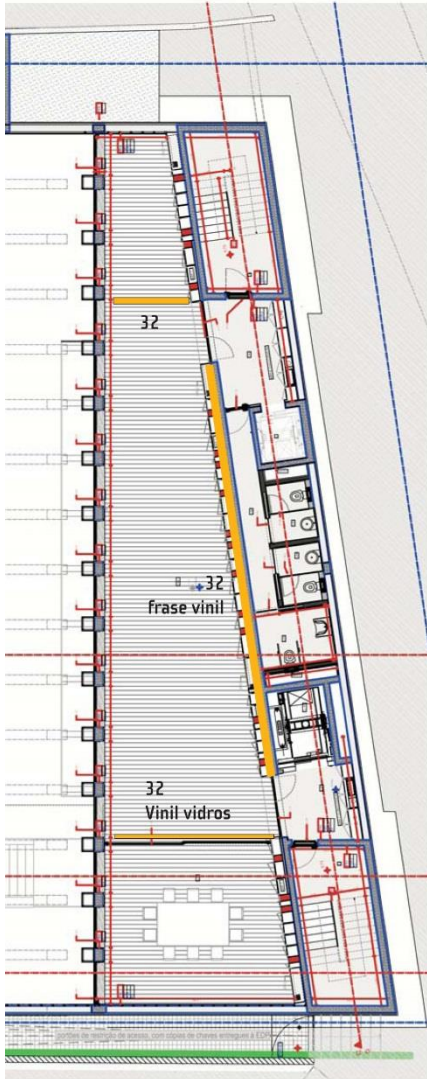
29. Tecido em perfil F

30. Paredes duplas/Instalações com grafismo, recortes, saliências visuais + nichos e pelintes incorporados nas paredes

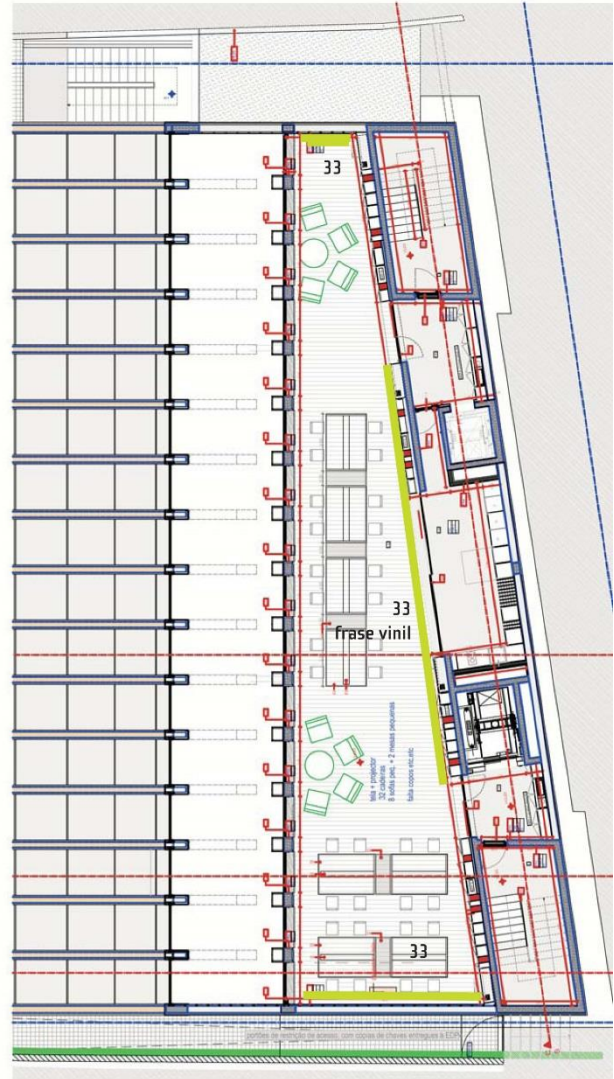
31. Suporte para plasma com filme a exibir

Implantação: Museu do Vinho / S. João da Pesqueira -Piso 2
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

Documentação 5 - Maquete do MVP – Serviço Educativo e Sala de Provas.



Sala: sala polivalente / serviço educativo / serviços operacionais
32. Vinil para opacizar vidro com grafismo + lettering em vinil recortado para parede



Sala: sala de provas
33. Tecido em perfil F + lettering em vinil recortado para parede

Implantação: Museu do Vinho / S. João da Pesqueira - Piso 2
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

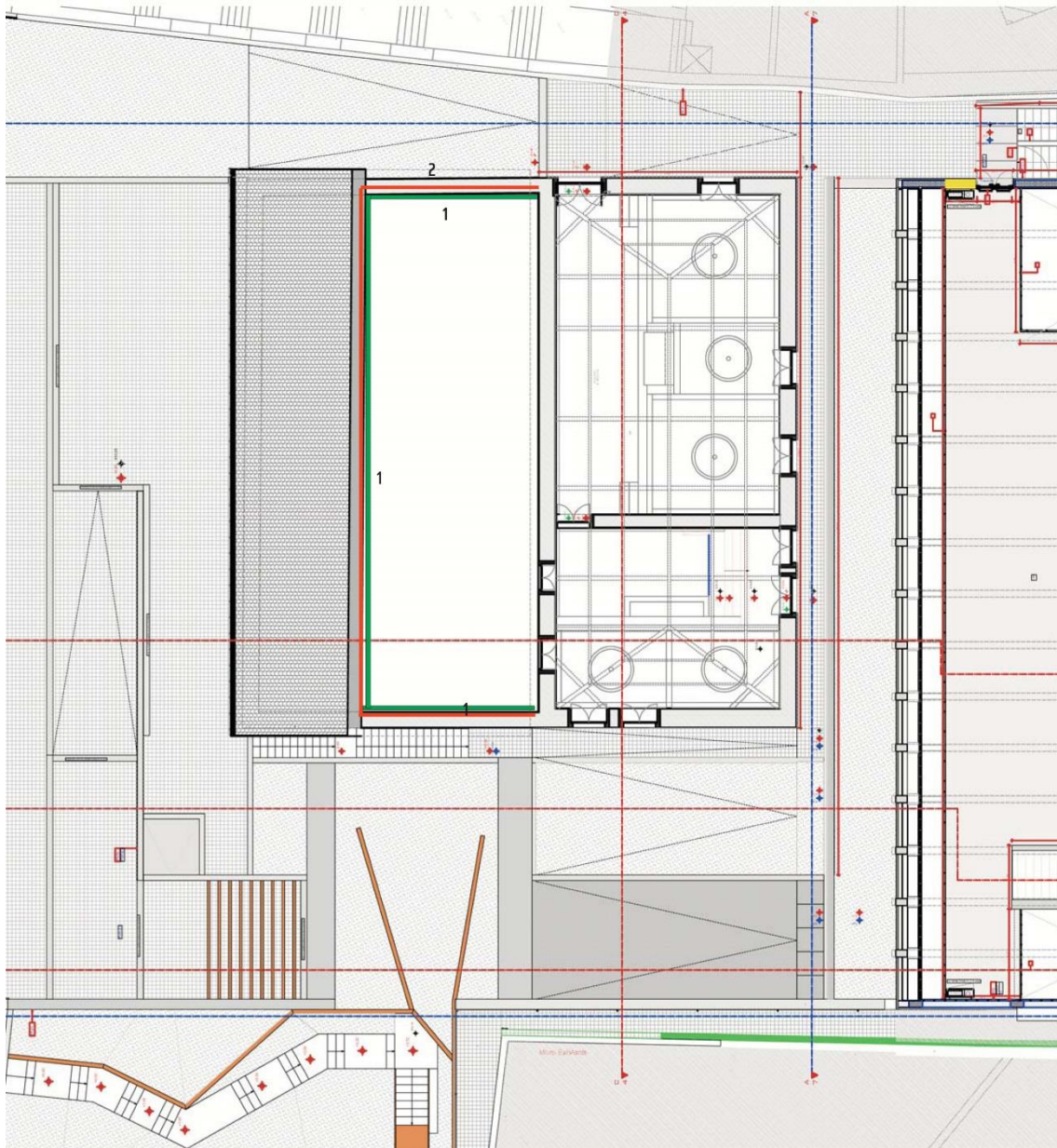
Documentação 6 - Maquete do MVP – Sala Wine bar e Loja.



Sala: **sala Wine bar / Loja**
34. 6 Frases em
vinil recortado para parede

Implantação: Museu do Vinho / 5. João da Pesqueira -Piso 2
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

Documento 7 - Maquete do MVP – Lagares e sala polivalente.



Espaço: **Lagar + sala polivalente**

1. painéis com "Caixilho" a toda a extensão das paredes
2. Calhas para suspensão de quadros

A distribuição dos elementos pode ser dividida pelas duas salas [lagar]

Implantação: Museu do Vinho / S. João da Pesqueira -Piso 2
Museografia e Design: Atelier João Borges
Escala 1/200

Documento 8 – Temáticas focadas na exposição do MVP, com decisão na data 03/02/2014.

MVP • Museu do Vinho de São João da Pesqueira

NÚCLEO 1

Demarcação

Freguesias e Território

Rios e Navegabilidade

Filoxera

Quintas

NÚCLEO 2

Diversidade de Castas; Formas de condução; Formas de armação

Trabalhos na paisagem (poda, cava, erguida, tratamentos fitossanitários)

Frases e ditos populares

NÚCLEO 3

Os sítios do vinho (vinha, lagar, armazém, transporte, laboratório, rótulos)

Frases sobre o vinho

NÚCLEO 4

A prova

Os sentidos (olfato, paladar, visão)

O serviço do vinho

Documento 9 – Ficha de Identificação entregue aos produtores de São João da Pesqueira.

1- <u>Nome (s) da (s) quinta (s) e respetivo proprietário:</u>
2- <u>Localização GPS da Quinta:</u>
3- <u>Área Produtiva e total da Quinta:</u>
4- <u>Castas produzidas:</u>
5- <u>Área de Vinha em armação histórica:</u>
6- <u>Marcas comercializadas pela (s) Quinta (s):</u> <i>Nota: Indicar as marcas de vinho DOC e as marcas de vinho do porto, se for o caso</i>
7- <u>Pormenores e curiosidades sobre a Quinta:</u>
8- <u>Possuem funcionalidades para turismo?</u> 8.1- Visitas à (s) quinta (s)? (Sim /Não) 8.2- Provas de vinho? (Sim /Não) 8.3- Venda de vinho ao público? (Sim/Não)
9- <u>Possuem logótipos da (s) quinta (s) e/ou marca (s)?</u> Sim: _____ Não: _____ <i>Nota: Se sim responder quais e anexar rótulos (marcas) e proceder ao seu envio em papel ou digitalizados a 300 dpi's, 24 bits, tamanho original, enviando para danielacarreira@sjpesqueira.pt</i>

10- Possuem fotografias da Quinta?

Sim: _____

Não: _____

Nota: Se sim anexar cópias em papel e enviar por correio eletrónico o respetivo suporte digital, para danielacarreira@sjpesqueira.pt

11- Outras Informações Relevantes:

Preenchida em:

...../...../2014

Por (Nome da entidade e responsável):

.....
.....

Contactos diretos para eventuais esclarecimentos (Nome (s), telefones e correio eletrónico):

Nome:.....
.....

Telefones:.....
.....

Correio eletrónico:.....
.....

Documento 10 – Exemplo do contrato de empréstimo de objetos do MVP.

Contrato

Entre:

O Município de S. João da Pesqueira, pessoa coletiva nº 506892646, com sede na Avenida Marquês de Soveral, 67, 5130-321 S. João da Pesqueira, representado pelo seu Presidente, José António Fontão Tulha, na condição de entidade recetora, adiante designado por primeiro outorgante,

E

Nuno Alexandre do Vale Dias, portador do cartão de cidadão nº 13770038, válido até 04-11-2016 na condição de cedente de uso de bens, adiante designado por segundo outorgante, é nesta data livremente que outorgam um contrato de comodato, nos termos do artigo 1129 do código civil, o qual se rege pelas cláusulas seguintes:

Cláusula 1º

(Objeto de contrato)

1. O primeiro outorgante declara o segundo outorgante como o único e legítimo titular do direito de propriedade das peças constantes na lista anexas a este contrato.
2. O primeiro outorgante solicita temporariamente os mesmos ao segundo outorgante para a exposição permanente do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira – MVP, com inauguração prevista Novembro 2014.

Cláusula 2º

(Duração do contrato)

1. O período de duração do empréstimo será a partir da data de assinatura do presente protocolo até ao encerramento da referida exposição, devendo as peças ser devolvidas no prazo máximo de 15 dias após essa data.
2. O segundo outorgante pode exigir a devolução das peças mediante um pré-aviso de 30 dias.

– Exemplo do contrato de empréstimo de objetos ao MVP, continuação.

Cláusula 3º

(Responsabilidades das partes)

1. O primeiro outorgante assegurará os procedimentos necessários à concretização do empréstimo, designadamente a emissão de um recibo de entrada, preparação da documentação de identificação (ficha de inventário e fotografia), discriminada das condições de conservação, embalagem e acompanhamento do transporte das referidas peças.
2. As peças serão expostas no Edifício do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira, sendo observadas as condições necessárias à sua correta conservação e salvaguarda.
3. Caso se verifique a necessidade de deslocar as peças do local referido no nº 2, compromete-se a primeira outorgante a:
 - a. Solicitar autorização prévia ao segundo outorgante;
 - b. Realização de um seguro abrangente da totalidade do percurso a efetuar pelas peças, desde o momento de saída até ao seu regresso ao local de origem;
 - c. Acompanhamento das peças durante o percurso por um técnico do Município de S. João da Pesqueira.
4. Caso se verifique qualquer dano ou situação anómala nas peças deverá o primeiro outorgante notificar de imediato o segundo outorgante, a fim de se tomarem as medidas necessárias, nomeadamente ativar seguro, equacionar restauro, entre outros procedimentos.
5. Caso uma terceira entidade venha a solicitar ao Município de S. João da Pesqueira a cedência temporária das peças, esta não deverá ocorrer sem autorização prévia do segundo outorgante.
6. No final do contrato, o Município de S. João da Pesqueira assumirá os encargos inerentes à devolução das peças ao segundo outorgante, assegurando o seu transporte e seguro. Deverão ser cumpridos os procedimentos necessários à proteção das peças, sendo o acompanhamento deste percurso assegurado pelo técnico responsável do Município.
7. Compromete-se o primeiro outorgante, findo o presente contracto, a não mais auferir quaisquer benefícios ou direitos sobre as peças.

– Exemplo do contrato de empréstimo de objetos ao MVP, continuação.


Cláusula 4º

(Direitos das partes)

1. No presente contrato, e pelo período nele estabelecido, a primeira outorgante poderá livremente explorar as peças. A primeira outorgante poderá, durante a vigência deste contrato, utilizar a imagem das peças na produção de catálogos ou materiais gráficos, designadamente cartazes, convites, desdobráveis, roteiros, outros. Será responsabilidade do Município de S. João da Pesqueira a coordenação e o pagamento da edição, bem como decidir acerca de tiragens, edições em mais de uma língua e design gráfico dos produtos. A primeira outorgante poderá também produzir *merchandising* relacionado com as peças em questão.
2. O segundo outorgante será mencionado como proprietário dos artefactos quer na exposição, quer em qualquer das publicações em que os mesmos figurem.

S. João da Pesqueira, 29 de julho de 2014

O PRIMEIRO OUTORGANTE



O SEGUNDO OUTORGANTE



Documento 11 – Exemplo o contrato de doação de objetos do MVP.

Contrato

Entre:

O Município de S. João da Pesqueira, pessoa coletiva nº 506892646, com sede na Avenida Marquês de Soveral, 67, 5130-321 S. João da Pesqueira, representado pelo seu Presidente, José António Fontão Tulha, na condição de entidade recetora, adiante designado por primeiro outorgante,

E

_____, portador do cartão de cidadão nº _____, válido até _____ na condição de cedente de uso de bens, adiante designado por segundo outorgante, é nesta data livremente que outorgam uma doação, nos termos do artigo 940 do código civil, o qual se rege pelas cláusulas seguintes:

Cláusula 1º

(Objeto de contrato)

1. O primeiro outorgante solícita ao segundo outorgante o direito de propriedade das peças constantes na lista anexa a este contrato, para a exposição permanente do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira – MVP, com inauguração prevista Novembro 2014.

Cláusula 2

(Direitos das partes)

1. No presente contrato, o primeiro outorgante poderá livremente explorar as peças. O primeiro outorgante poderá, utilizar a imagem das peças na produção de catálogos ou materiais gráficos, designadamente cartazes, convites, desdobráveis, roteiros, outros. O primeiro outorgante poderá também produzir *merchandising* relacionado com as peças em questão.

- Exemplo o contrato de doação de objetos do MVP, continuação.

2. O primeiro outorgante compromete-se a fazer referência à proveniência das peças na exposição do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira – MVP.

S. João da Pesqueira, ____ de _____ de 2014

O PRIMEIRO OUTORGANTE



O SEGUNDO OUTORGANTE

Documento 12 – Exemplos de ofícios enviados aos produtores e a instituições.



Exmo. Senhor Director da
Direcção Regional de Agricultura e das
Pescas Do Norte
Dr. Manuel Cardoso

Rua da República, 133
5370-347 Mirandela

s/ referência

s/ comunicação

n/ referência
Of.º n.º 748/DOMGU
Proc. E.03.91.03

S. João da Pesqueira,
2014/04/24

ASSUNTO: Museu do Vinho de São. João da Pesqueira

Exmo. Senhor Director

Reconhecendo a importância dos vinhos do Douro, em particular do vinho do Porto, na construção do território pesqueirense e na sua memória coletiva, o Município de S. João da Pesqueira está a construir o **Museu do Vinho de São. João da Pesqueira** com a missão de documentar e preservar o património vitivinícola do concelho e, através da sua interpretação, promover e divulgar a cultura e a identidade do vinho em São. João da Pesqueira e na região do Douro, numa perspetiva cultural, educativa e turística.

É no âmbito daquele projecto que o Município de São. João da Pesqueira se dirige à V. instituição, pedindo a disponibilização de equipamento/material de laboratório desactivado e de interesse para uso museológico, com o objectivo de poder vir a criar uma parcela no espaço expositivo no Museu do Vinho de São João da Pesqueira, onde se destacaria a devida importância histórica para a região demarcada do Douro, do Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro. Este equipamento poderia ser doado ou emprestado ao Município, sob regime de doação ou empréstimo, nos termos legais em vigor, por um período a definir.

Uma vez que o trabalho de investigação e concepção museológica deste projecto está a cargo da Dr.ª Natália Fauvrelle, Dra. Sónia Faria e da Dra. Paula Montes Leal, solicitamos ainda que, caso V. Exa. autorize o nosso pedido, o referido equipamento/material disponível possa ser previamente observado quanto à sua adequação e, se for caso, uma vez cumpridas as formalidades de empréstimo/cedência, possa ser recolhido pela equipa técnica em questão.

Antecipadamente gratos pela atenção dispensada, subscrevemo-nos

O Presidente da Câmara

José António Fontão Tulha



Município de S. João da Pesqueira
Av. Marquês de Soveral | 5130-321 S. João da Pesqueira
Tl.: 254 489 989 | Fax: 254 489 989
www.sjpesqueira.pt | cmsjp@sjpesqueira.pt
NIPC: 506 892 646

– Exemplos de ofícios enviados aos produtores e a instituições, continuação.



À,
Quinta de Frei Estevão
A/C. Sr. Manuel António Ladeiras
5130-128 ERVEDOSA DO DOURO

s/ referência s/ comunicação n/ referência S. João da Pesqueira,
Of.º nº 471/DOMGU 2014/03/06
Proc. E.03.91.03

ASSUNTO: Museu do Vinho de São João da Pesqueira - Pedido de Colaboração

Exmo. Senhor:

Reconhecendo a importância dos vinhos do Douro, em particular do vinho do Porto, na construção do território pesqueirense e na sua memória coletiva, o Município de S. João da Pesqueira está a construir o **Museu do Vinho de S. João da Pesqueira**, com a missão de documentar e preservar o património vitivinícola do concelho e, através da sua interpretação, promover e divulgar a cultura e a identidade do vinho em S. João da Pesqueira e na região do Douro, numa perspetiva cultural, educativa e turística.

No âmbito daquele projeto, surgiu a necessidade de identificar os construtores do território do vinho, partindo não só das quintas emblemáticas como também dos produtores, enquanto testemunhos e imagens da realidade do território pesqueirense. Desta forma, o Museu do Vinho de S. João da Pesqueira tem como um dos seus objetivos a seriação, em base de dados, do maior número possível de quintas e produtores, para posterior disponibilização da informação de forma atrativa ao público-visitante.

É com base naquele objectivo que o Município de S. João da Pesqueira se dirige a V. Exas., pedindo vossa colaboração neste projeto. Para o efeito, bastará enviar-nos estas simples informações, por escrito e/ou o simples preenchimento e devolução da ficha anexa:

- 1 - Nome do proprietário da Quinta [ou da Empresa Produtora]
- 2 - Localização GPS da Quinta [ou da Empresa Produtora]
- 3 - Área total da quinta e área produtiva
- 4 - Castas produzidas na Quinta e área de vinha em armação histórica



Município de S. João da Pesqueira
Av. Marquês de Soveral | 5130-321 S. João da Pesqueira
TEL.: 254 489 999 | Fax: 254 489 989
www.sjpesqueira.pt | cmsjpp@sjpesqueira.pt
NIPC: 506 892 646

– Exemplos de ofícios enviados aos produtores e a instituições, continuação.



- 5 - Marcas comercializadas pela (s)Quinta (s) [ou da Empresa Produtora] (se possível, agradecemos o envio de rótulos em papel ou digitalizados a 300 dpi's, 24 bits, tamanho original)
- 6 – Logótipo (s) da (s) Quinta (s) [ou da Empresa Produtora]
- 7 - Uma (ou mais) fotografias da (s) Quinta (s)
- 8 - Pormenores da história da (s) Quinta (s) [ou da Empresa Produtora]
- 9 – Possuem funcionalidades de abertura ao público para visita à (s) Quinta (s) [ou adega] e/ou prova de vinhos e/ou venda de vinhos?

Aproveitamos a oportunidade para informar V. Exas. que, em paralelo com este inventário e no âmbito do mesmo projeto, se encontra em curso o levantamento de objetos com valor museológico, a integrarem a futura coleção do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira.

Pretende-se que aqueles objectos sejam testemunhos das actividades do concelho (desde a viticultura, vinificação e outras atividades tradicionais) e do seu contexto histórico e sociocultural.

Assim, se possuírem objetos que, sem prejuízo de uma prévia avaliação museológica, possam ser enquadrados naquela coleção (pipas, enxadas, cestos vindimos, enxofradores, desengaçadores – só para nomear alguns – mas, também barcos, nassas, decanters, pedras trabalhadas, estatuetas, fotografias, entre outros), pedimos o favor de o indicar na sua resposta. Será, posteriormente contactado pelo Município.

Antecipadamente gratos e certos da V. colaboração neste projeto que desejamos seja um motivo de orgulho para o nosso Concelho, subscrevemo-nos.

Com os melhores cumprimentos.

O Presidente da Câmara,

(José António Fontão Tulha)



Município de S. João da Pesqueira
Av. Marquês de Soveral | 5130-321 S. João da Pesqueira
Tlf.: 254 489 999 | Fax: 254 489 989
www.sjpesqueira.pt | cmsjp@sjpesqueira.pt
NIPC: 506 892 646

Documento 13 – Ficha de inventário do MVP.

Nº de Inventário	
Proprietário do objeto	
Denominação do objeto	
Descrição do objeto	
Função do objeto	
Autoria (s)	
Cronologia	Dimensões
Materiais	Estado de conservação
Categoria	Inscrições/ Marcas
Mobilidade da incorporação	Data da incorporação

Assinatura _____

Data: ___/___/___

Anexos IV

Ilustrações



Ilustração 1: Paisagem de São João da Pesqueira

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho, em São João da Pesqueira, no dia 29/10/ 2014.



Ilustração 2: Materiais arqueológicos recolhidos no acervo do Museu Eduardo Tavares, em São João da Pesqueira.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho, durante o período de estágio no Município de São João da Pesqueira, no dia 21/05/2014.



Ilustração 3: Logótipo do MVP.

Referência bibliográfica: Imagem fornecida pelo Município de São João da Pesqueira, na data 02/10/2014.



Ilustração 4: Companhia Geral da Agricultura das vinhas do Alto Douro com a figura do Marquês de Pombal.

Referência bibliográfica:

https://www.google.pt/search?q=companhia+geral+da+agricultura+das+vinhas+do+alto+douro&biw=1366&bih=657&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=p2R2VI6wHJLZaoWNgJgI&ved=0CAcQ_AUoAg#facrc=_&imgdii=_&imgrc=evrwZz5t17ViRM%253A%3BNKCLnUxD9OsGlM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.instituto-camoes.pt

Consultado: 29/10/2014

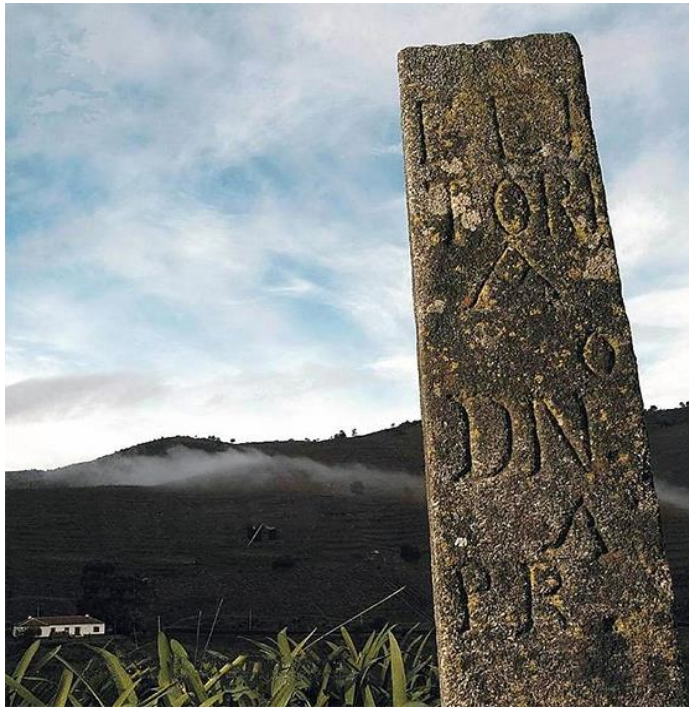
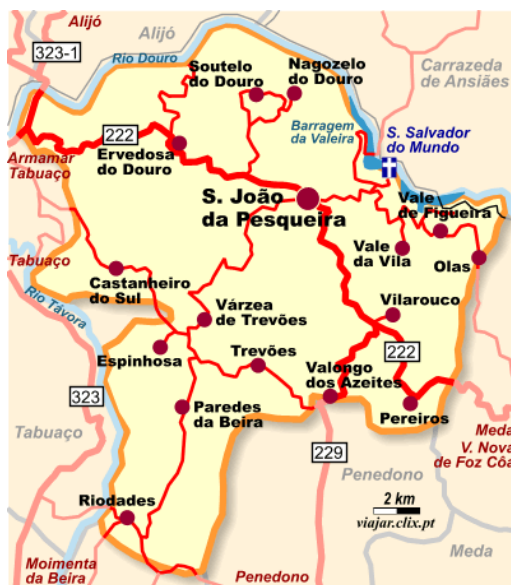


Ilustração 5: Marco Pombalino

Referência bibliográfica:

<https://www.google.pt/search?q=demarca%C3%A7ao+pombalina&biw=1366&bih=657&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=>

Consultado: 29/10/2014



Ilustrações 6: Mapas de localização do Concelho de São João da Pesqueira

Referência bibliográfica:

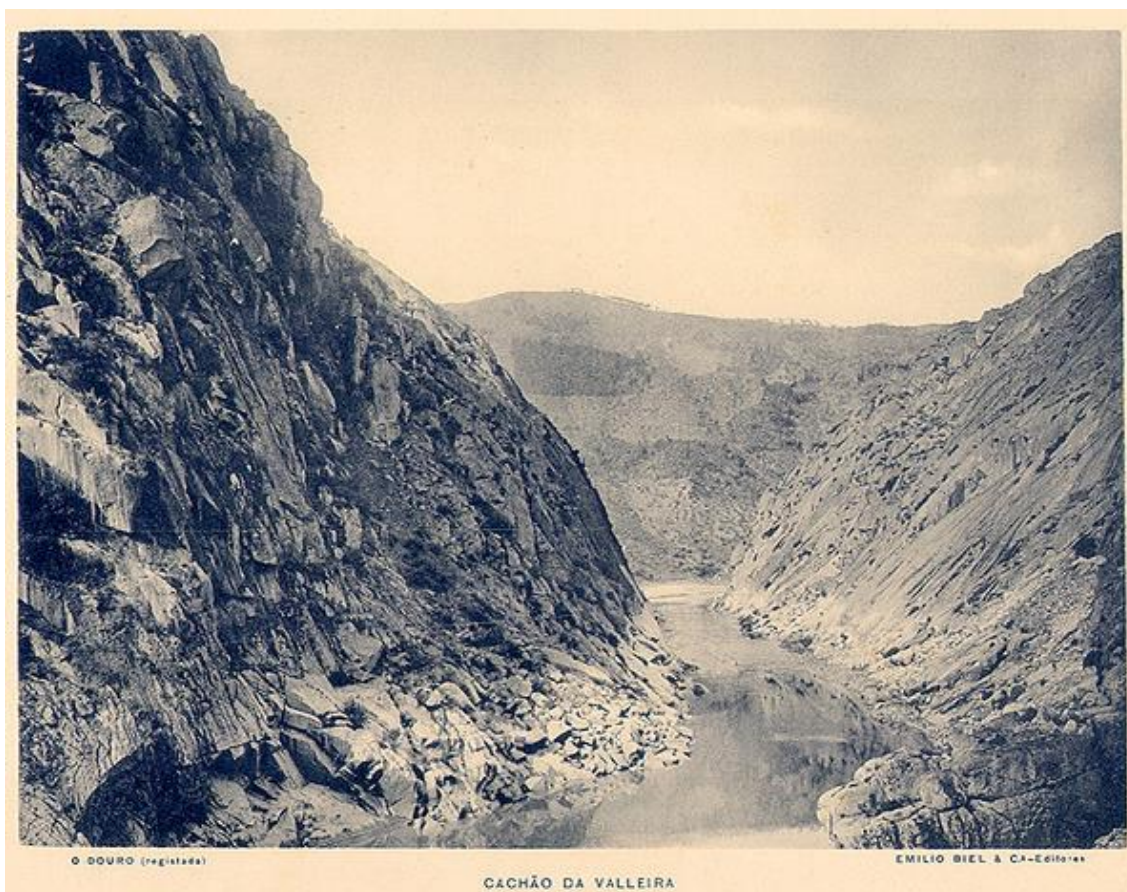
<https://www.google.pt/search?q=mapa+de+S+joao+da+pesqueira&biw=1366&bih=657&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=>

Consultado: 29/10/2014



Ilustração 7: Vista geral de São João da Pesqueira no século XVIII.

Referência bibliográfica: Imagem fornecida pelo Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de São João da Pesqueira, na data 02/10/2014.



Ilustrações 8: 1) Cachão da Valeira antes de ser demolido; 2) Inscrição gravada aquando da sua destruição.

Referência bibliográfica: Imagem fornecida pelo Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de São João da Pesqueira, na data 07/10/2014.



Ilustrações 9: Barrão de Forrester

Referência bibliográfica: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_James_Forrester

Consultado: 30/10/2014



Ilustrações 10: 1) Quinta de Vargelas; 2) Quinta do Cachão

Referência bibliográfica:

- 1) <http://www.taylor.pt/pt/vinhas-adeegas/quinta-de-vargellas/>
Consultado: 30/10/2014
- 2) Fotografia tirada pela autora deste trabalho, na data de 04/11/2014



Ilustração 11: Mapa de localização da Região Demarcada do Douro

Referência bibliográfica:

http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.douroexperience.com/imagens/RDD_D_1000x709.jpg&imgrefurl=

Consultado: 30/10/2014



Ilustração 12: Antigo supermercado em São João da Pesqueira

Referência bibliográfica: Imagem fornecida pelo arquivo fotográfico da seção de Turismo da Câmara Municipal de São João da Pesqueira, na data 02/10/2014.



Ilustração 13: Núcleo museológico do Imaginário Duriense – MIDU

Referência bibliográfica: <http://dourovalley.eu/poi?id=6487>

Consultado: 05/11/2014



Ilustração 14: Núcleo museológico do Pão e do Vinho de Favaios.

Referência bibliográfica: <https://www.google.pt/search?q=museu+de+favaios&client=firefox-beta&rls=org.mozilla:pt>

Consultado: 05/11/2014



Ilustração 15: Praça da República em São João da Pesqueira.

Referência bibliográfica: Imagem tirada pela autora deste trabalho, no dia 03/11/2014



Ilustração 16: Vista de satélite no local onde se situa o MVP- Estrada nacional 222.

Referência bibliográfica:

<https://www.google.pt/maps/@41.1474251,-7.4082143,2369a,20y,180h/data=!3m1!1e3>

Consultado: 15/11/2014



Ilustração 17: Fases de construção do MVP.

Referência bibliográfica: <http://www.norasil.pt/pt/>

Consultado: 16/11/2014



Ilustração 18: Alguns objetos que irão incorporar a exposição do MVP.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho, durante o período de estágio no Município de São João da Pesqueira, Na data de 05/05/2014.



Ilustração 19: Túnel situado no piso 0.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho e fornecida pelo Município de São João da Pesqueira, na data de 12/11/2014.



Ilustração 20: Atafona de sumagre.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho durante o período de estágio no Município de São João da Pesqueira, na data de 17/04/2014.

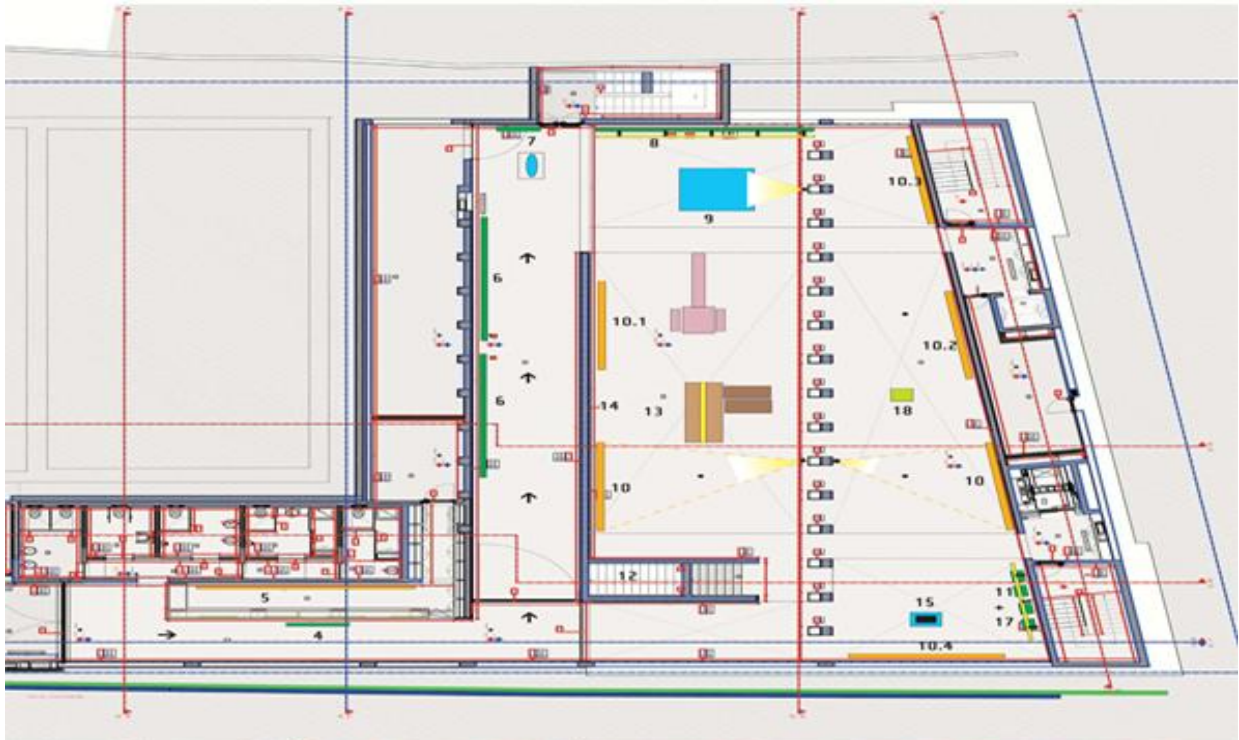


Ilustração 21: Exposição permanente – piso 0.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho e fornecida pelo Município de São João da Pesqueira, na data 17/11/2014.

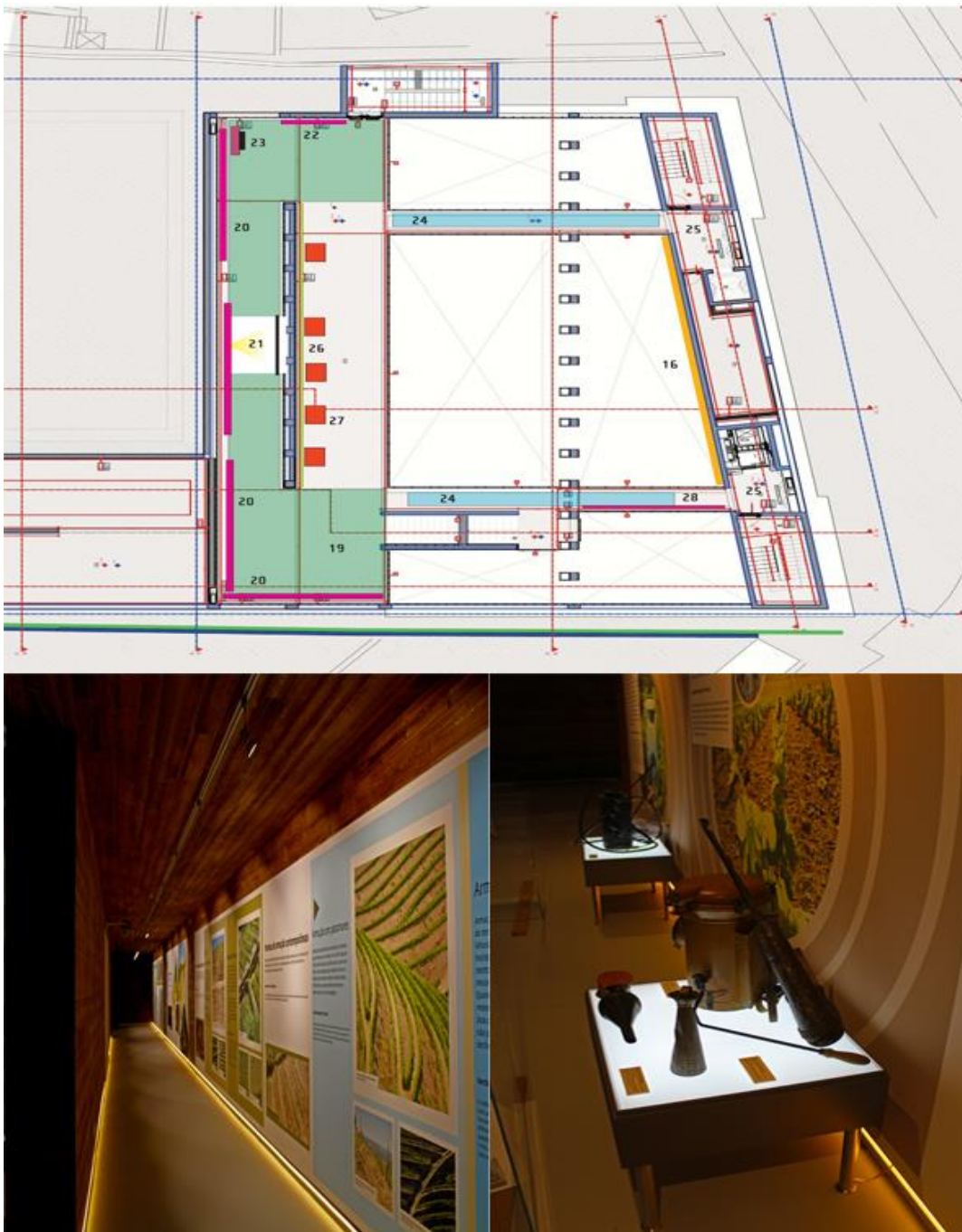


Ilustração 22: Exposição permanente – piso 1

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho e fornecida pelo Município de São João da Pesqueira, na data de 17/11/2014.

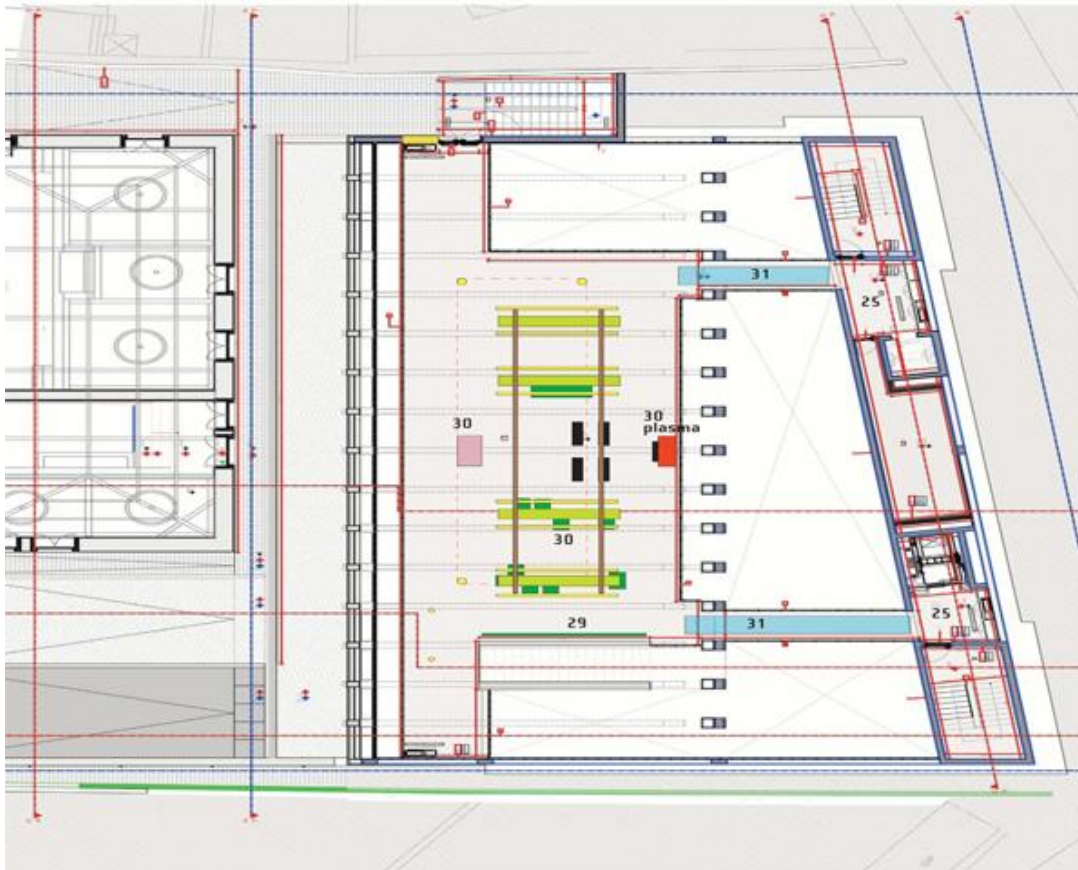


Ilustração 23: Exposição permanente – piso 2.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho e fornecida pelo Município de São João da Pesqueira, na data de 17/11/2014.

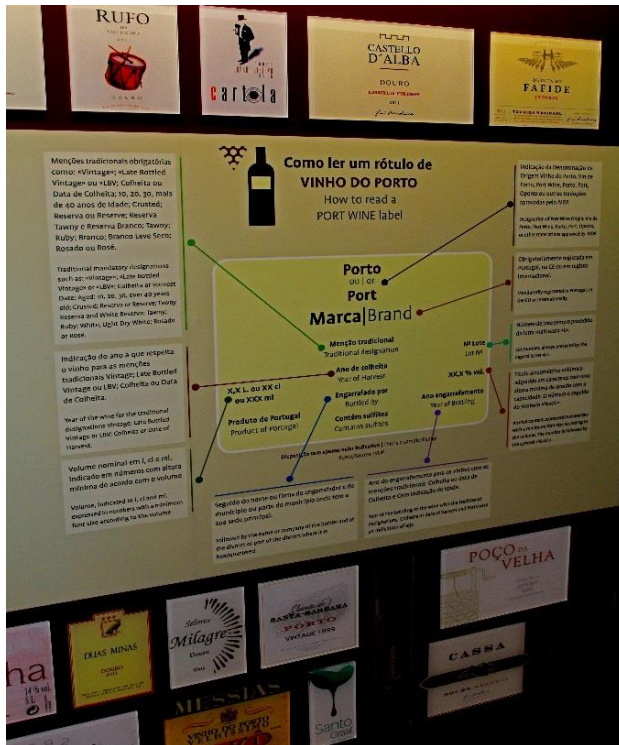


Ilustração 24: Exposição permanente- Leitura de um rótulo – piso 2.

Referência bibliográfica: Fotografia tirada pela autora deste trabalho e fornecida pelo Município de São João da Pesqueira, na data de 17/11/2014.

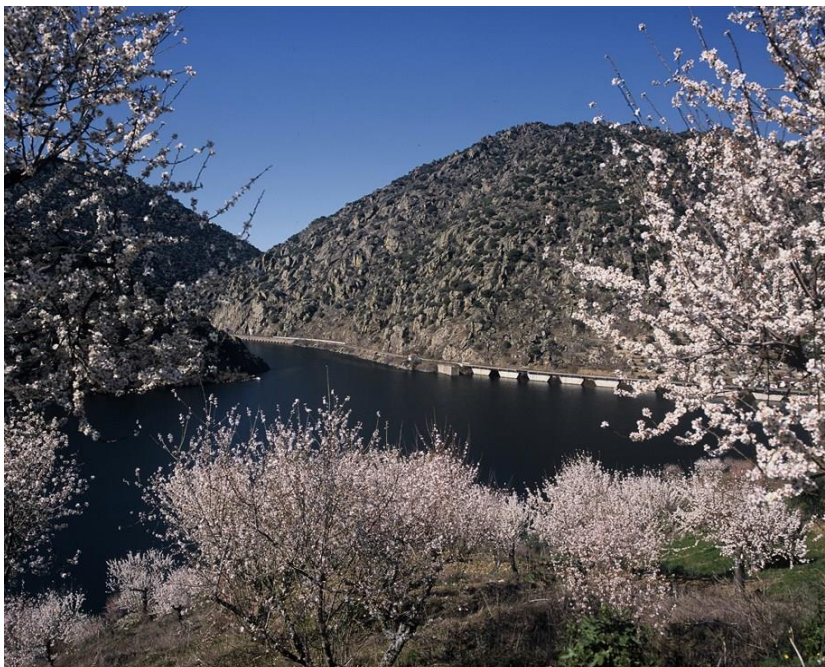


Ilustração 25: Amendoeira em flor em São João da Pesqueira.

Referência bibliográfica: http://dourovalley.eu/amendoeiras_

Consultado: 10/11/2014



Ilustração 26: S. João da Pesqueira

Referência bibliográfica: Imagem tirada pela autora deste trabalho, no dia 11-11-2014.

Consultado: 10/11/2014.

Fontes

Arquivo Bibliográfico do Município de S. João da Pesqueira;

Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de S. João da Pesqueira;

Arquivo Fotográfico da seção do Turismo da Câmara Municipal de São João da Pesqueira;

Bibliografia

BARRETO, António (2014). *Douro – Rio, Gente e Vinho*. Relógio de água, pp. 11;

CARRERA, Ceferino (1999). *O Vinho do Porto e a região do Douro – História da 1ª Região Demarcada*. Cores editores;

COSTA, Ricardo Augusto (2008). *Pedras que falam*. Paredes da Beira, Câmara Municipal de São João da Pesqueira;

FARIA, Margarida Lima (2000). *Projeto: Museus e Educação, Centro de Etnologia Ultramarina e Etnomusicológicas*. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa;

FRAUVRELLE, Natália; SEQUEIRA Carla (2001). *Trevões: História e Património*. Beira Douro – Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro, Paróquia de Trevões, Câmara Municipal de São João da Pesqueira;

FRAUVRELLE, Natália; MARQUES, Susana (2007). *Proposta para uma Rede de museus do Douro*. Atas do I encontro de Museus do Douro, 24 de Setembro;

FAUVRELLE, Natália (2010). *Museu do Douro: um Museu para um território*. Atas do encontro «museus e sociedades», Caminha, Câmara Municipal de Caminha;

FAUVRELLE, Natália (2014). *Museu do vinho de S. João da Pesqueira*. Câmara Municipal de S. João da Pesqueira;

FERNANDES, Rui (2001). *Descrição do Terreno ao redor de Lamego duas Léguas: 1531 – 1532*. Lamego: Beira Douro, Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro;

FERNÁNDEZ, Luís Alonso (1999). *Introducción a la nueva museología*. Alianza Editorial, Madrid;

FERNÁNDEZ, Luís Alonso (1988). *Museos y museología dinamizadores de la cultura de nuestro tiempo*. II Vol, Editorial Complutense, Madrid;

HENRIQUES, Isabel et al (2012). *Côa Visão – Economia, Ciência e Cultura*. Nº 14, edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 59-62;

HOOOPER, Eilean G (1989). *Los museos y sus visitantes*. Ediciones Trea, Gijón;

MARTINS, Conceição Andrade (1990). *Memória do Vinho do Porto*. Lisboa, Instituto de Ciência Sociais da Universidade de Lisboa;

MENDES, José Amado (1999). *O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências atuais*. Universidade Católica, Portugal, Separata da Revista DIDASKALIA, Volume XXIX, Fascículo 1 e 2;

MENDES, José Amado (2002). *Museologia e Identidade: que a Europa através dos Museus?* Estudos do século XX, nº 2;

MONTEIRO, J. Gonçalves (1992). *São João da Pesqueira – Coração do Douro*. Edição da Câmara Municipal de São João da Pesqueira;

OLIVEIRA, Artur (2003). *Catálogo da exposição do Museu Eduardo Tavares*. Edição da Câmara Municipal de São João da Pesqueira;

PARAFITA, Alexandre de (2001). *Património Imaterial do Douro – Narrações Orais – Contos. Lendas. Mitos*. Âncora editora, Volume II, Museu do Douro;

PEREIRA, Gaspar Martins (2004). *Relatório de Projeto do Museu do Douro – Relatório de Missão*. Peso da Régua;

PEREIRA, Gaspar Martins (coord) (2006). A evolução histórica. In Pereira Gaspar Martins. *Viver e Saber Fazer - Tecnologias Tradicionais do Douro – Estudos preliminares*, Peso da Régua, pp. 103-127;

PEREIRA, Gaspar Martins (2009). *Após a filoxera*. Exposição, Museu do Douro;

PEREIRA, Gaspar Martins; ALMEIDA, Maria Luísa Rosas Nicolau de (2011). *Dona Antónia*. III Casa das Letras;

SANTOS, Cláudia Alexandra Natário Coutinho (2006). *Cultura Turismo e Património – um caminho para a educação ambiental, o museu viriato*. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras;

SILVA, Célia Taborda (2007). *Movimentos Sociais no Douro - no período da implementação do liberalismo (1834 – 1855)*. Porto: Gehvid;

VARINE, Hugues de (2007). *Reflexões sobre um museu de território*. Atas do I encontro de Museus do Douro, 24 de Setembro;

VASCONCELOS, João de Carvalho (1982). *O estudo das castas*. Separata dos anais do Vinho do Porto, Editores, Instituto do Vinho do Porto;

Web grafia

[Http://ferradodecabroes.blogspot.pt/2010/10/favaios-em-festa.html](http://ferradodecabroes.blogspot.pt/2010/10/favaios-em-festa.html) – 05/11/2014 14:30

[Http://www.museudodouro.pt/~](http://www.museudodouro.pt/~) - 05/11/2014 14:50

[Http://www.diariodetrasmontes.com/douro.html](http://www.diariodetrasmontes.com/douro.html) – 05/11/2014 15:02

[Http://www.douro-turismo.pt/patrimonio-mundial.php](http://www.douro-turismo.pt/patrimonio-mundial.php) – 06/11/2014 11:20

[Http://www.citedescivilisationsduvin.com/accueil.html](http://www.citedescivilisationsduvin.com/accueil.html) – 12/02/2014 16:30

[Http://www.sjpesqueira.pt/pages/299](http://www.sjpesqueira.pt/pages/299) – 21/10/2014 10:30

[Http://www.sjpesqueira.pt/pages/265](http://www.sjpesqueira.pt/pages/265) – 21/10/2014 10:45

[Http://www.sjpesqueira.pt/pages/283](http://www.sjpesqueira.pt/pages/283) – 21/10/2014 10:52

[Http://viseumais.com/viseu/nucleo-museologico-do-vinho-vai-ser-criado-em-s-joao-da-pesqueira/](http://viseumais.com/viseu/nucleo-museologico-do-vinho-vai-ser-criado-em-s-joao-da-pesqueira/) - 22/10/2014 18:05

[Http://canelaehortela.com/os-vinhos-do-douro-na-festa-pombalina-de-s-joao-da-pesqueira/](http://canelaehortela.com/os-vinhos-do-douro-na-festa-pombalina-de-s-joao-da-pesqueira/) - 22/10/2014 15: 30

[Http://icom-portugal.org/](http://icom-portugal.org/) - 23/10/2014 16:50

[Http://en.unesco.org/](http://en.unesco.org/) - 23/10/2014 17:15

[Http://icom.museum/](http://icom.museum/) - 23/10/2014 19:50

Índice de anexos

Anexos I

Legislação 1	50
Legislação 2	51

Anexos II

Tabela 1 – Análise SWOT	52
-------------------------------	----

Anexos III

Documento 1 – Maquete do MVP – exterior e recepção	53
Documento 2 – Maquete do MVP – Piso 0	54
Documento 3 - Maquete do MVP – Piso 1	55
Documento 4 - Maquete do MVP – Piso 2	56
Documento 5 - Maquete do MVP – Serviço Educativo e Sala de provas	57
Documento 6 - Maquete do MVP – Sala <i>winebar</i> e loja	58
Documento 7 - Maquete do MVP – Lagares e sala polivalente	59
Documento 8 – Temáticas focadas na exposição do MVP	60
Documento 9 – Ficha de identificação entregue aos produtores de São João da Pesqueira	61
Documento 10 – Exemplo do contrato de empréstimo de objetos do MVP.....	63
Documento 11 – Exemplo do contrato de doação de objetos do MVP.....	66
Documento 12 – Exemplo de ofícios enviados aos produtores e a instituições	68
Documento 13 – Ficha de inventário do MVP	71

Anexo IV

Ilustração 1 – Paisagem de São João da Pesqueira	72
Ilustração 2 – Materiais arqueológicos recolhidos no acervo do Museu Eduardo Tavares, em São João da Pesqueira	72
Ilustração 3 – Logótipo do MVP	73
Ilustração 4 – Companhia Geral da Agricultura das vinhas do Alto Douro com a figura do Marquês de Pombal	73
Ilustração 5 – Marco Pombalino	74
Ilustração 6 – Mapas de localização do concelho de São João da Pesqueira.....	74
Ilustração 7 – Vista geral de São João da Pesqueira no século XVIII	75
Ilustração 8 – Cachão da Valeira antes de ser demolido e inscrição gravada aquando da sua destruição	76
Ilustração 9 – Barrão de Forrester	77
Ilustração 10 – Quinta de Vargelas e Quinta do Cachão	77
Ilustração 11 – Mapa de localização da Região Demarcada do Douro	78
Ilustração 12 – Antigo supermercado em São João da Pesqueira	79
Ilustração 13 – Núcleo museológico do Imaginário Duriense – MIDU	80
Ilustração 14 – Núcleo museológico do Pão e do Vinho de Favaios	80
Ilustração 15 – Praça da República em São João da Pesqueira	81
Ilustração 16 – Vista de satélite no local onde se situa o MVP – Estrada nacional 222	81
Ilustração 17 – Fases de construção do MVP.....	82
Ilustração 18 – Alguns objetos que irão incorporar a exposição do MVP.....	83
Ilustração 19 – Túnel situado no piso 0	84
Ilustração 20 – Atafona de sumagre	84

Ilustração 21 – Exposição permanente – piso 0	85
Ilustração 22 – Exposição permanente – piso 1	86
Ilustração 23 – Exposição permanente – piso 2	87
Ilustração 24 – Exposição permanente – leitura de um rótulo – piso 2	88
Ilustração 25 – Amendoeira em flor em São João da Pesqueira	88
Ilustração 26 – São João da Pesqueira	89